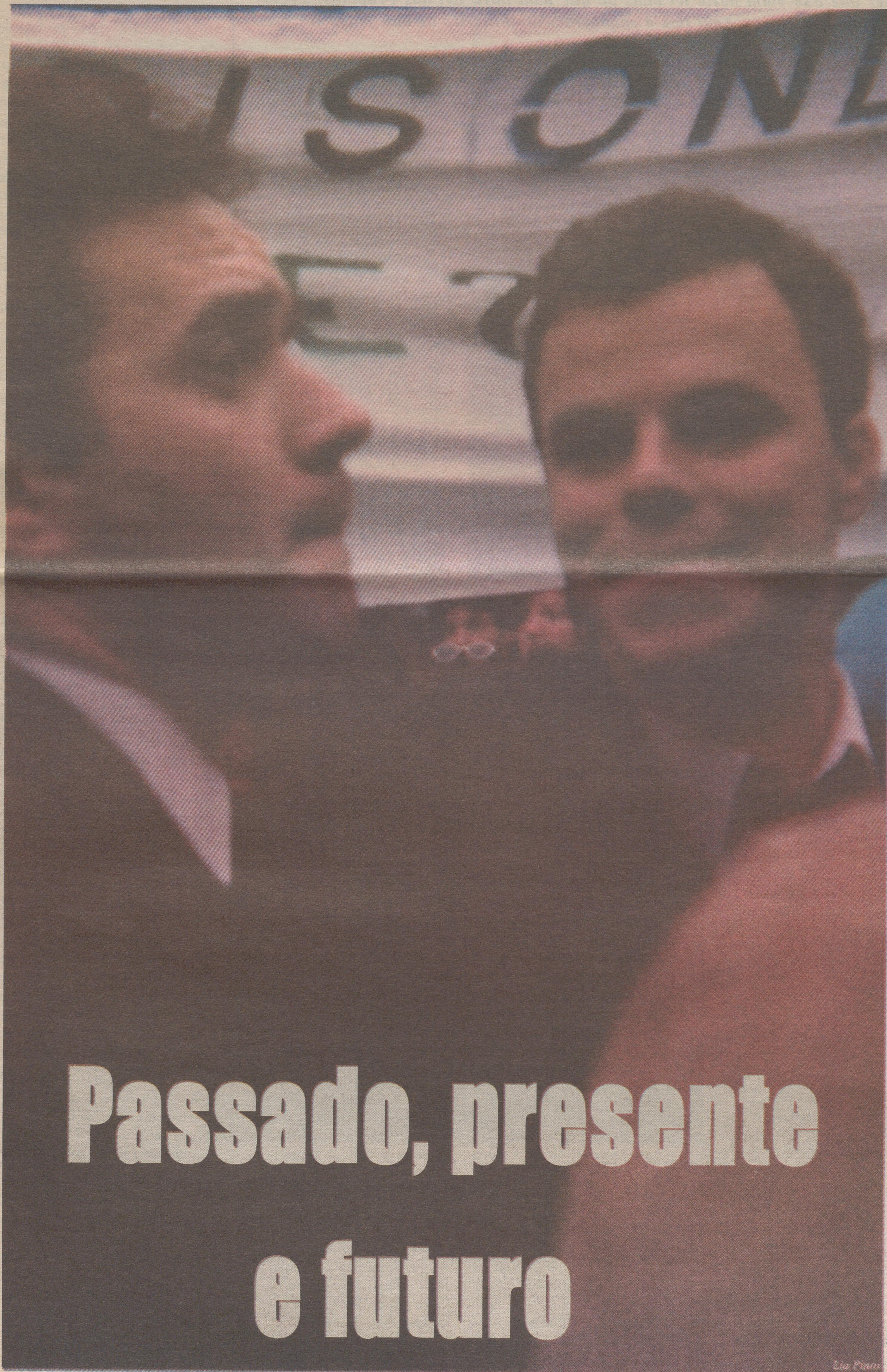


A CABRA

Jornal Universitário de Coimbra

Nº43 15 de Dezembro 1998 **Quinzenal** **Directores:** Adeodato Valente Pinto e Fernando Nunes
Produzido pela Secção de Jornalismo da Associação Académica de Coimbra **Distribuição Gratuita**

BIBLIOTECA GERAL
UNIV. DE COIMBRA
JORNAL



Passado, presente e futuro

"Há Horas do Diabo" no TAGV

O Teatro de Estudantes da Universidade de Coimbra (TEUC) termina hoje, quarta-feira, dia 16 de Dezembro, a curta série de representações, no palco do Teatro Académico de Gil Vicente, da peça "Há Horas do Diabo", encenada por Manuel Sardinha a partir de "Fausto", de Fernando Pessoa, e de "Universos Frigoríficos" de Jacinto Lucas Pires. Ainda nas comemorações dos 60 anos, o TEUC lança ao fim da tarde o nºO da revista Teatro de Bolso, no foyer do T.A.G.V. A Cabra associa-se a este evento ao oferecer um número significativo de revistas "Teatro de Bolso" aos seus leitores. Parabéns TEUC!

Páginas Centrais

Centenário de Bertolt Brecht

No passado dia 4 de Dezembro, as canções de Bertolt Brecht ouviram-se no palco do Teatro Académico de Gil Vicente, pela mão dos Artistas Unidos numa co-produção com a Companhia de Teatro de Braga.

Página 11

Prémios Salgado Zenha

Foram entregues os prémios desportivos da Academia. Instituídos pelo Conselho Desportivo, a segunda edição destes prémios veio finalizar em grande mais uma época recheada de êxitos para o desporto da AAC.

Página 7

Manifestação Nacional

Um milhar de estudantes voltou a Lisboa para exigir um Ensino superior de melhor qualidade contra a Lei Quadro do Financiamento do Ensino Superior

Página 5

A contestação nos mandatos de António Silva vista à lupa

Mandato ao ritmo da lei

Em Março de 1997, Tó Silva é eleito presidente da DG/AAC, ao mesmo tempo que a Lei Quadro de Financiamento do Ensino Superior (versão PS) começa a ganhar os seus contornos definitivos, desagradando profundamente aos estudantes que não viam nesta lei mais do que uma nova Lei das Propinas. Como consequência lógica, a AAC partiu para a luta. Aqui fica o enquadramento histórico de dois mandatos que coincidiram com a contestação à LQFES.

Com as eleições que conduziram Tó Silva à presidência da Direcção-Geral da Associação Académica de Coimbra (DG/AAC), acabaram as eleições para os corpos gerentes da AAC que se efectuavam em Março. Acabaram também os anos do zitisimo, marcados externamente pela chegada do PS ao Governo e consequente suspensão da famigerada "lei das propinas". A contestação abrandou enquanto se esperava pelas prometidas mudanças na Educação por António Guterres e Marçal Grilo. Quando António Silva é eleito num dos processos eleitorais mais rocambolescos (um dos candidatos era o saudoso Bruno Brisa, um

verdadeiro animal político), mal tem tempo para preparar qualquer estratégia relativa à contestação, sendo logo confrontado com a manchete do "Independente" do dia 21 de Março de 1997, em que eram denunciados os planos do Governo de instaurar o regime de propina única no valor do salário mínimo nacional: 56 700 escudos. O Governo negou a veracidade da notícia, recuperando a afirmação de Guterres, segundo o qual "propinas, só depois da reforma fiscal". Reagindo com prudência, o movimento associativo só depois se faz ouvir, no dia 10 de Abril em conferência de imprensa conjunta, em que Ricardo Almeida (presidente da FAP) não hesita em chamar mentiroso ao Ministro da Educação. Após a tomada de posse por António Silva, no dia 9 de Abril, é convocada uma Assembleia Magna para dia 29 de Abril onde se começaria a preparar a estratégia que a AAC seguiria. É aí que começa a discussão acerca do estudante elegível. Em Março, quando se tornou pública a versão de trabalho da proposta de Lei de Financiamento do Ensino Superior, estudante elegível é definido como o aluno que está em condições de concluir o curso até ao final do segundo ano seguinte ao do termo da sua duração normal, o que podia ser traduzido pela equação $n+2$. É também neste documento que se confirma a

ideia que as propinas serão de valor igual ao salário mínimo nacional, como taxa de frequência. No dia 29 de Abril de 1997, após larga inactividade (o zitisimo não foi pródigo nestes eventos), volta a reunir-se uma Assembleia Magna que se salda pela realização de uma Manifestação

no, ainda com uma imagem não deteriorada e com uma opinião pública cansada de ouvir os estudantes... e ainda a procissão mal tinha saído da sacristia, aliás, das várias universidades.

Lei aprovada, contestação começa a ser preparada

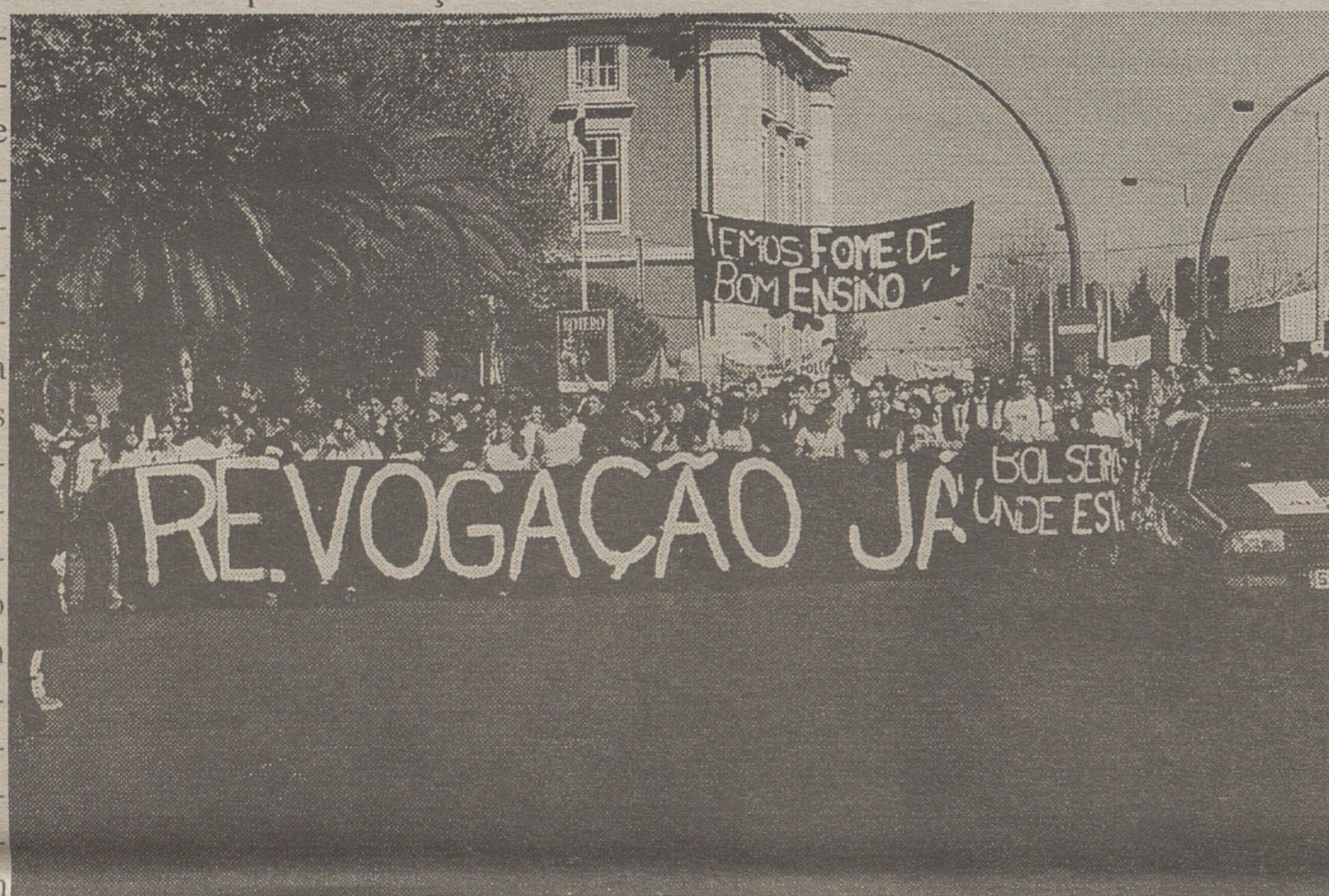
Com as férias de Verão veio

acabou aqui... pela primeira vez na abertura solene de aulas tomou a palavra uma personalidade política, neste caso o Ministro da Educação, que viu a sua curta intervenção "vaiada" por uma autêntica epidemia de tosse, bem demonstrativa do mau-estar causado pelo inédito acontecimento. No dia 1 de Novembro o Senado finalmente decide qual o destino do dinheiro das propinas que estava parado nos cofres da Reitoria, ainda sem destino, naquela que será uma das reuniões mais polémicas deste órgão, nos últimos tempos. O destino do milhão e cem mil contos é distribuído por vários projectos apresentados pelos Conselhos Directivos das Faculdades. Também nesta altura aqueciam os motores para as eleições, pela primeira vez a disputar em Novembro. Hugo Capote e Vítor Aires eram dados como candidatos a candidatos, mas como se viu preferiram esperar um ano para finalmente avançarem. O ambiente de contestação começa a aumentar, mas ainda longe de outros tempos (não tão longínquos quanto isso). A opinião pública hostil e a proximidade das eleições vão re-freando os ânimos. O Senado da Universidade, na sua reunião de 19 de Novembro fica privado de quórum com a saída dos estudantes da sala, o que obriga a que a Universidade de Coimbra continue como a única instituição do ensino superior público que ainda não fixou o regime de pagamento de propinas e consequentemente volte à liderança da contestação. Espera-se nesta altura, que a reunião seguinte, agendada para 3 de Dezembro, finalmente resolva a situação. Apesar de tudo, Tó Silva arranca uma vitória mais que folgada sobre João Gouveia, com uma diferença superior a 37%. A contestação ganhava novo fôlego com uma Assembleia Magna marcada para dia 9 de Dezembro e uma acção concertada nacional marcada para os dias a seguir. A guerrilha ia passar, tudo indicava a uma verdadeira guerra aberta entre os estudantes e o Ministério.

João Melo Alvim

Coimbra ao rubro, a contestação regressou (em força)

Depois de todo um processo (que para alguns Dirigentes Associativos se traduziu num retrocesso) que conduziu à actual Lei Quadro do Financiamento do Ensino Superior, em Dezembro de 1997, começa a ganhar contornos bem definidos como se vai efectuar esta campanha contestatória à referida Lei. Ao fim de quase 2 anos e meio de tréguas, interrompidas ocasionalmente, mas sem a dimensão de uma verdadeira contestação, uma semana vai bastar para o reinício das hostilidades. A reunião do Senado do dia 3 de Dezembro e a Assembleia Magna do dia 9 de Dezembro acabariam por ser os acontecimentos que provocaram o regresso da guerra das propinas, ou como alguns lhe prefeririam chamar, guerra pela qualidade de ensino. O Senado fixa o regime de pagamento das propinas, apesar dos estudantes terem votado contra, deliberando que os 1200 escudos (valor das propinas fixado em 1973, abandonado durante a vigência da "lei das propinas" cavaquista e retomado com a suspensão dessa lei pela nova maioria socialista) que foram pagos aquando do acto de matrícula seriam considerados como a primeira prestação, enquanto a segunda e a terceira teriam que ser pagos até 28 de Fevereiro e 28 de Maio, respectivamente. Conseguia-se assim "dar a volta" ao que foi considerado como um ultimatum por parte do Governo, através do Decreto-Lei 304/97, que obrigava todas as instituições de ensino superior público, até ao dia 15 de Novembro, a estabelecer o regime de pagamento das propinas, e se tal não acontecesse, o prazo de pagamento da primeira prestação seria o dia 31 de Dezembro de 1997. É neste quadro que os estudantes ganham um aliado de peso. O Reitor Rui de Alarcão, a viver a recta final da sua longa permanência à frente dos destinos da Universidade, não hesita em criticar o Ministério da Educação, ao considerar que o referido Decreto-Lei foi promulgado sem consulta prévia aos Reitores e também



tação em Lisboa no dia 21 de Maio, dia em que no Parlamento se iria proceder à votação na generalidade da proposta de lei do Financiamento. A AAC, ao viver o último estertor de liderança das massas associativas nacionais é representada por 500 alunos, aos quais se juntam outros 500 do Porto, perfazendo um total de 1500 contando com os (poucos) alunos de Lisboa e ainda outros de vários sítios tal como a Guarda. Com os votos a favor do PS, os votos contra do PCP, PP e JSD, e a abstenção do PSD, a Lei é aprovada. Fora do hemiciclo um grupo de estudantes mais incoformado com a situação tenta uma invasão pelos acessos laterais à Assembleia da República, repelida pelas forças policiais, tendo a confusão resultado em alguns empurrões entre os polícias e os manifestantes. Começa aqui a contestação contra a nova lei, contra as sempre eternas propinas, contra o facto dos bolseiros pagarem bolsa e contra o estudante elegível (que poderia levar à expulsão administrativa de 4000 estudantes). Diga-se, no entanto, em abono da verdade, que a mobilização dirigiu-se sempre contra as propinas, em termos que lembravam as lutas do início da década contra o cavaquismo e que, em última análise ajudaram à queda do governo social-democrata. Só que os tempos eram diferentes, com um novo Gover-

a habitual acalmia, com os estudantes desta Academia a dispersarem-se pelos seus locais de origem. Em Julho, a lei Quadro do Financiamento do Ensino Superior é aprovada na especialidade e finalmente acabaram as dúvidas. É oficial, as bolsas vão mesmo servir para pagar as propinas que são de facto no valor do salário mínimo nacional 56.700 escudos, entrando a nova lei em vigor a 17 de Setembro. No entanto, os dirigentes associativos podem reclamar vitória em relação à questão do estudante elegível porque o sistema $n+2$ foi substituído por algo que ia mais de encontro às posições dos estudantes: passaria a ser elegível o estudante que concluir o curso até ao final do 2º ou do 3º ano. No início do ano lectivo, marcado oficialmente pela abertura solene de aulas, dia 15 de Outubro, ao saberem da presença (surpresa) do Ministro da Educação Marçal Grilo, um grupo de alunos afixam uma faixa junto da Porta Férrea onde estava inscrito "Grilo: a demagogia é a tua paixão, a educação a nossa razão". Durante o dia anterior esse grupo foi informado pela polícia, que não poderia afixar a faixa, mas no dia da visita do ministro, a polícia recuou na decisão, justificando-a como um engano, mas mesmo assim não deixou de pairar a ideia que houve uma tentativa abortada de censura. Mas a agitação não

Coimbra de volta à rua

Com a LQFES finalmente aprovada, vive-se um curto regresso a outros tempos de contestação (quando ministros caíam), mas os tempos são outros e a conjectura é sempre adversa ao movimento estudantil. Com o aproximar do fim do 2º mandato do Tó Silva, dissipam-se as dúvidas: a contestação agoniza. Será possível inverter o percurso?

por impor um prazo impossível de cumprir. Rui de Alarcão confessou também ser contra as propinas, dando numa só ocasião preciosos argumentos aos estudantes. A Tó Silva restava-lhe agora esperar por dia 9, para o qual estava agendada uma Assembleia Magna, onde se teria que decidir como aproveitar o (escasso) tempo até às férias de Natal, de modo a mobilizar o máximo de gente possível para assim conseguir que a contestação arrancasse definitivamente. Finalmente chegou a noite da Assembleia Magna, na qual o Teatro Académico de Gil Vicente (DG/AAC) encheu com cerca de 1000 alunos para discutir a posição da AAC face à questão do financiamento e acções a desenvolver num quadro de contestação. Com o órgão máximo da Academia reunida, não ficou qualquer margem para dúvidas quanto ao empenho da massa estudantil (pelo menos aqueles que se deslocam às Magnas) em aceitar contestar a versão rosa das propinas através da marcação de uma manifestação em Coimbra no dia 11 seguida de uma greve de zelo entre os dias 16 e 18. Em relação às propostas aprovadas em Magna mas que nunca foram levadas a cabo, para além de algumas acusações de falta de não foram poucas as vezes que Tó Silva referiu que para além de apresentarem as propostas era preciso que se dispusessem a torná-las efectivas. Apesar de tudo, esta Magna não podia correr melhor, a mesma Magna em que o Colectivo Ruptura assumiu plenamente o papel de "oposição" à DG. No dia 11 de Dezembro, a Academia sai à rua: 5000 estudantes protestam contra a LQFES desde a praça Dom Dinis até ao parque da Cidade, com paragem no Governo Civil. A manifestação acabou com a "queima da lei" e com um corte simbólico do trânsito na ponte de Santa Clara. Com este fim-de-ano previa-se uma guerra sem quartel para 1998, quem sabe a relembrar tempos em que ministros caíam devido à contestação estudantil. Passa-se a greve de zelo, e em Janeiro, duas Assembleias Magnas (dias 8 e 15) marcam o andamento da contestação: na primeira aborda-se a ideia de suspender a Queima das Fitas em virtude da luta, ideia abandonada na segunda Magna, na qual ocorre um momento interactivo,

com uma intervenção telefónica de António Silva no programa Falatório (RTP-2), onde Marçal Grilo era entrevistado... intervenção essa seguida atentamente no Teatro Paulo Quintela, onde se colocou propositadamente uma televisão para a Assembleia Magna ouvir o ministro. Seguiu-se um período de tréguas devido às frequências, mas ficou marcada uma manifestação para Março em Lisboa. Enquanto isso, a confusão instala-se pois não havendo reuniões do Senado, não se sabe o que vai acontecer quando o dia 28 de Fevereiro chegar, o dia em que chega ao fim o prazo para pagar a 2ª prestação das propinas. No entanto, não havia necessidade de tanta agitação, porque a tão temida nulidade dos actos curriculares só aconteceria se os estudantes não pagassem integralmente as propinas o que não acontece pois o boicote é só relativo à 2ª prestação. Com o Procurador-Geral da República a confirmar a constitucionalidade da LQFES, o ME finalmente parece disposto a realizar contratos-programa com a UC, satisfazendo uma velha aspiração do Reitor, visto que os anexos da UC (como o TAGV e a Biblioteca Geral) não são contemplados pelo Orçamento Geral do Estado. No dia 18 de Março é

nesse dia, já os cerca de 100 "peregrinos académicos" tinham saído com destino a Lisboa. Perante a impossibilidade de parar a máquina contestária que previa a presença de milhares de estudantes frente à Assembleia da República no dia seguinte, os dirigentes associativos tomaram a difícil decisão de avançar com a manifestação num dia de luto nacional. 3500 estudantes de Coimbra e 800 da Guarda encheram dois comboios que partiram de Coimbra-B com destino a Santa Apolónia, onde se juntaram aos exaustos caminhantes da véspera e aos manifestantes das outras academias. Assim, cerca de 10 mil estudantes cumpriram esta jornada de luta sem quaisquer descalços ou desordens em frente à Assembleia da República, respeitando um minuto de silêncio em memória de Dom António Ribeiro. Finalmente o Senado define o regime de pagamento das propinas fixando o prazo final de pagamento até ao dia 31 de Maio (ou sujeito a juros de mora se as propinas fossem pagas até ao dia 30 de Ju-

de António Silva a esta específica acção de contestação. Não deixa de ser irónico que alguns meses depois do "Gil" (que estava à entrada do Museu Machado de Castro) ter sido raptado, os estudantes se deslocassem à Expo para se manifestar. Com o

lidade de ensino. Finalmente chegamos a Dezembro de 1998, e à última acção de contestação organizada (provavelmente a última antes de Março do próximo ano) que consistiu numa manifestação nacional em Lisboa no dia 10 de Dezembro. O timing



reínício da época de estudo, e com um novo Reitor eleito a prometer adiar o prazo de pagamento das propinas até 31 de Julho, o boicote ia continuar, sendo o número de boicotantes quase 6500. Assim se encerrou a luta no ano lectivo de 1997/98, pois logo em seguida começaram as épocas de frequências e exames. No início de Outubro, realiza-se um ENDA em Coimbra, onde a estratégia estudantil é orientada no sentido de se fazer uma manifestação nacional em Lisboa até ao final de 1998. Após a Latada (que começa mais cedo que o habitual) começam a aquecer os motores para as eleições da DG/AAC, surgindo o problema de o calendário da contestação (três dias de greve, aprovadas em Magna) coincidir com a campanha eleitoral. Este problema foi ultrapassado com o compromisso das várias listas em não deixar de apoiar as várias acções de contestação. Uma dessas acções consistia no aproveitamento das comemorações da Tomada da Bastilha, fazendo com que o habitual desfile dos archotes consistisse numa manifestação pela qua-

desta manifestação não foi o melhor pois coincidiu com a entrega dos prémios Nobel (e como qualquer português deveria saber, o laureado com o prémio Nobel da Literatura) e com a celebração do 50º aniversário da Declaração dos Direitos do Homem, mas de acordo com a "cúpula" do movimento estudantil contestatário, não haveria outra data disponível que assegurasse maior mobilização... o que faz pensar que se a manifestação fosse convocada para esta semana, em vez de dois autocarros de Coimbra, dois táxis seriam capazes de servir para o efeito. No entanto, apesar da mobilização (ou desmobilização) os 1000 estudantes presentes em Lisboa manifestaram-se frente ao Ministério da Educação, tendo optado por acabar o protesto junto da vigília pelos Direitos Humanos no Terreiro do Paço em detrimento da presença no "manifestódromo nacional", a Assembleia da República (onde já os suinicultores protestavam). Em defesa do Direito à Educação, foi com este pensamento que os estudantes, de forma condigna se juntaram à vigília. Aguarda-se agora, com a mudança de testemunho em Coimbra, para ver como é que a contestação à LQFES vai ser conduzida.

João Melo Alvim



aprovada em Magna, uma manifestação para dia 25, precedida de uma caminhada desde o convento de Mafra até ao Estádio Universitário em Lisboa, a decorrer durante o dia 24 efectuada pela Academia de Coimbra. Os céus não são clementes para com os estudantes pois o Cardeal-Patriarca de Lisboa falece

nho), enquanto mais uma greve se realiza nos dias 29 e 30 de Abril (o primeiro dia integrado numa greve nacional), aprovada na Magna de 23 de Abril, a mesma onde é apresentada a proposta de uma acção de sensibilização a decorrer na entrada da Expo-98 no dia da inauguração a 22 de Maio, apesar da oposição

Hugo Capote será o novo Presidente da DG/AAC

Capote sucede a Tó Silva

Hugo Capote será o novo presidente da direcção geral da AAC. A lista H venceu as eleições batendo a lista L por 241 votos na segunda volta realizada nos passados dias dois e três.

A lista H saiu vencedora das eleições mais disputadas dos últimos anos. Hugo Capote vai ser o próximo presidente da direcção geral da AAC. Depois de uma noite recheada de nervosismo a lista H derrotou a lista L por 241 votos. Por volta das 9h30 da manhã do dia 4 o resultado tornou-se quase oficial uma vez que os votos por envelope que faltavam apurar eram em menor número que a diferença existente entre as duas listas.

O resultado alterava-se à medida que cada urna ia sendo apurada, os ânimos exaltavam-se. Para a confusão contribuiu o facto da comissão eleitoral ter decidido escrutinar os votos por envelope na mesma noite em

que se contaram os votos das urnas. Ao longo da madrugada todos os presentes na cantina dos grelhados desesperaram, só os mais afoitos ficaram para confirmar o resultado.

"Sinto uma grande alegria, sinto um grande orgulho por pertencer a esta equipa e por termos conseguido chegar a esta vitória". Foi este o primeiro comentário de Hugo Capote à vitória da sua lista. Depois de ser felicitado por Miguel Alves, o candidato da lista L, e por António Silva que acaba agora o seu mandato, o recém-eleito presidente iniciou a batalha. Começou por afirmar que a Associação Académica de Coimbra vai continuar a lutar contra a Lei Quadro de Financiamento do

Ensino superior: "queremos que esta lei venha a ser revogada". Para ele "aquilo que nos foi prometido não está a ser cumprido, o governo ao retirar dinheiro à Universidade não está a deixá-la cumprir a lei, porque a obriga a gastar o dinheiro das propinas para tapar buracos e não para melhorar a qualidade do ensino superior". Na sua opinião neste ano de eleições legislativas é crucial que a academia se manifeste porque segundo ele: "temos razões de sobra para o fazer, razões essas que já foram corroboradas pelo nosso reitor". Quanto à continuação do boicote às propinas afirmou ser um assunto a ver mais tarde mas confessou que "talvez não tenha funcionado pelo melhor, o que

não quer dizer que não se venha a repetir". No que concerne à sua futura relação com o ministro da educação, Marçal Grilo, Hugo Capote disse que "o ministro anda a brincar com isto tudo, porque nós já pagámos e não sentimos melhorias nenhuma, a opinião pública tem de saber disso, o ministro tem de contar com uma AAC forte que vai fazer tudo para mostrar que esta lei não serve".

O candidato da lista derrotada, Miguel Alves, após desejar felicidades a Hugo Capote, fez votos que ele consiga dirimir os conflitos internos da AAC e que apareça com força perante a opinião pública. Em relação à sua possível colaboração com a recém-eleita DG, afirmou que

"naquilo em que eu poder participar como estudante fá-lo-ei", ressaltando no entanto que "ele conta com pessoas com que eu não me identifico, umas por problemas pessoais, outras em questões de ideias e dos objectivos para a AAC". Afirmou ainda esperar que Hugo Capote se consiga afastar de algumas ideias das pessoas da sua lista.

De realçar é ainda o facto de pela primeira vez nesta academia a segurança do escrutínio ter sido feita por uma empresa privada, a já habitual SISP. Confrontado com este facto Hugo Capote afirmou que achava desnecessário haver segurança privada num processo eleitoral e afirmou também que tal situação não se deveria repetir.

Bruno Ferreira

241 votos fizeram a diferença

Dos 6663 votantes 47% votaram na lista H e 43,3% na lista L. Apesar das duas listas terem ficado separadas por apenas 241 votos tudo ficou decidido na manhã do dia 4.

Os votos por envelope que ficaram por apurar, 189, foram em menor número do que a diferença de votos entre as duas listas, 241.

Ao analisarmos o número de votos das listas, faculdade a faculdade, observamos que em quatro, das oito, a diferença entre ambas é bastante acentuada. A lista H bateu a sua concorrente por 293 votos na faculdade de medicina e por 554 votos na faculdade de Letras. A lista L, por seu lado, obteve um vantagem de 591 votos na faculdade de Direito e de

194 votos na faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física. A conclusão natural que advém desta análise é que as listas obtiveram vantagem nas faculdades a que pertenciam os seus presidentes, respectivamente Medicina e Direito. Conclui-se também que a campanha foi bastante bem realizada nas outras duas faculdades. Exemplo disso é a FCDEF na qual a lista L obteve 207 votos dos 232 possíveis.

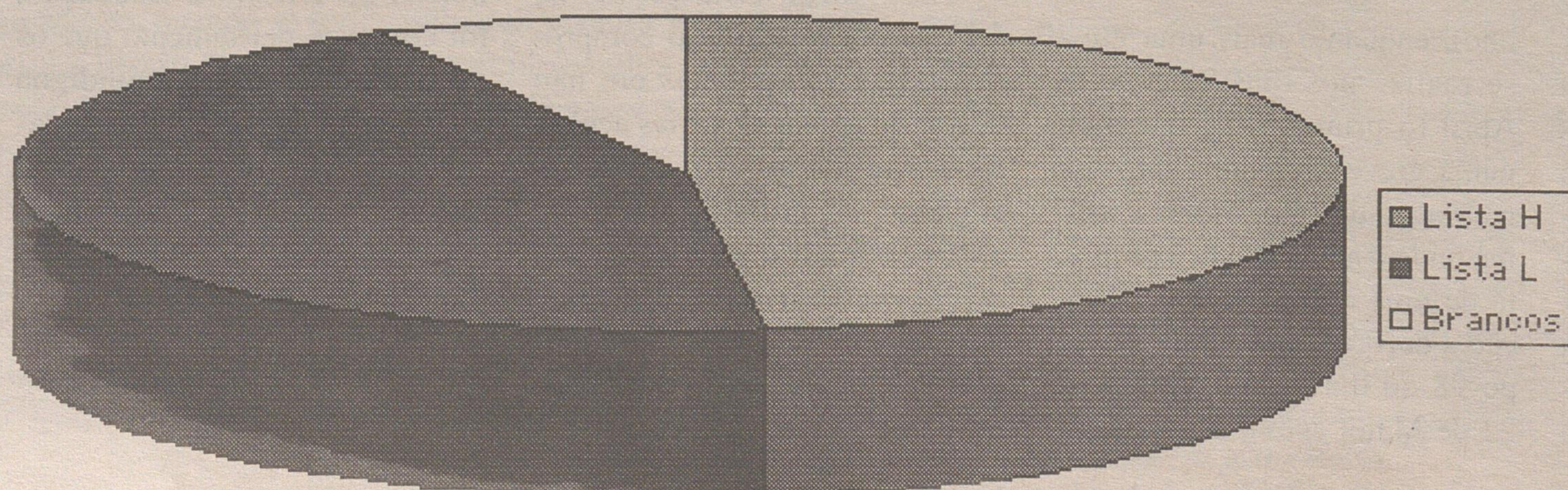
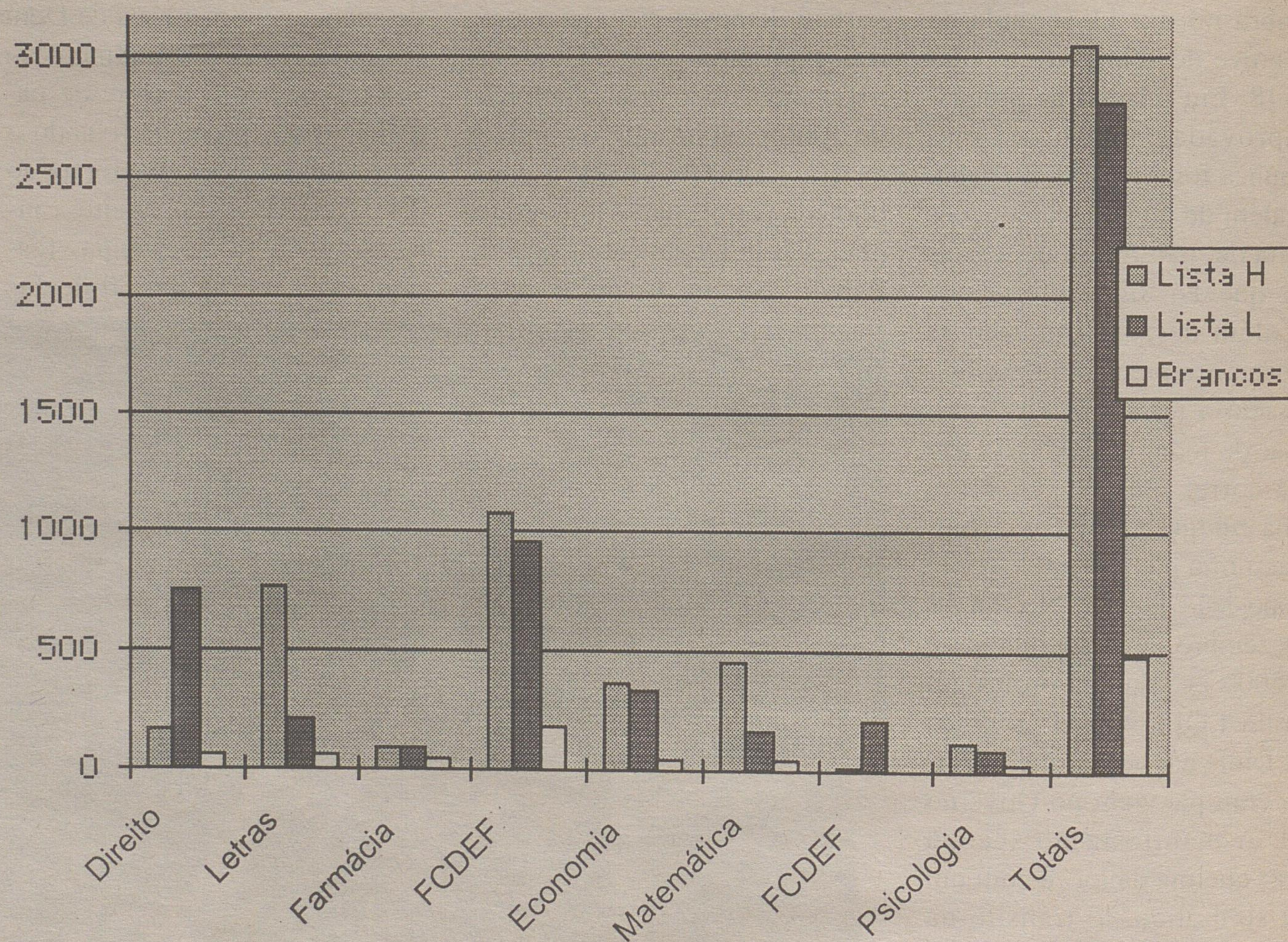
A lista H venceu nas faculdades de Ciências e Tecnologia, de Economia e de Psicologia embora

aqui a vantagem nunca tenha ultrapassado os 27 votos. A lista L só obteve vantagem na faculdade de Farmácia por 9 votos.

A abstenção foi, em média, de 63,8%, tendo atingido níveis mais altos na faculdade de Farmácia, 79,9%, e mais baixos na faculdade de

Ciências do Desporto e Educação Física, 38,8%.

BF



Quem é quem?

Hugo Capote tem 23 anos. É estudante do sexto ano de Medicina e até agora nunca chumbou um ano. A nível da AAC fez parte do pelouro da política educativa da Direcção Geral de 96, presidida por Zita Henriques e participou também da última assembleia de revisão dos estatutos da AAC no mesmo ano. No seu currículo conta-se também a vice-presidência em 96/97 e a presidência em 97/98 do Coro Misto. A nível da Universidade é actualmente Senador e foi membro do Conselho Directivo da faculdade de Medicina em 94/95 e 95/96.

Menos de mil estudantes em Lisboa

Manifestação em banho-maria

Foram cerca de mil os estudantes que se uniram em Lisboa no dia 10 para lutar contra a Lei de Financiamento do Ensino Superior Público.

Em Coimbra a concentração estava marcada para as 9.00h no Largo D.Dinis, no entanto poucos eram os presentes. Esperou-se um pouco mais, até ao meio-dia, mas somente dois autocarros dos doze alugados acabaram por partir em direcção à Capital. Os lugares de ambas as viaturas acabaram por ditar as regras: sem mais nem menos deu-se conta que a cessante DG viajava numa e a recentemente eleita DG noutra, coisas do destino... No ar sentia-se o ambiente adormecido provocado por uma noite anterior agitada. As conversas de uns e o sono de outros foram postos em dia.

Chegados à Cidade Universitária às 15h era altura de meter as mãos ao trabalho juntamente com as universidades de Évora, Beira-Interior e Lisboa.

Caminhando a passo largo em direcção ao Ministério da

Educação, houve tempo para António Silva fazer as naturais apresentações do novo presidente da DG/AAC -Hugo Capote- aos outros dirigentes associativos e para todos gritarem: "Estudantes unidos jamais serão vencidos" e "Socialismo na gaveta, este ensino é uma treta".

O encontro com os estudantes do Porto seria no cruzamento da Av. Elias Garcia com a 5 de Outubro, em frente ao Ministério da Educação.

Embora o ambiente estivesse morno e fossem poucos os estudantes gritava-se "Acção Social, Acção social!" e "Bolsas sim, propinas não, este Governo não tem educação".

Tendo a época natalícia como tema da peça, os estudantes entraram em cena, oferecendo presentes ao Ministro: "más condições", "propinas", "educação vergonhosa" e uma porta (vinda de Coimbra) que António Silva explicou à Cabra ser "um sinal da obtusidade com que temos sido confrontados, a surdez idêntica à surdez de uma porta

por parte do Ministro da Educação, porque de facto não tem tomado sequer como conselhos e como opiniões todas as reivindicações dos estudantes e não tem vislumbrado os problemas do ensino superior em Portugal; depois, é sem sombra de dúvida uma porta que permite a abertura para o Ministro no sentido de suspender e revogar esta lei e vir a dialogar com os estudantes para alterar o cenário do ensino superior; e uma porta caso o Sr. Ministro queira sair quando quiser, pois para os estudantes também não causa nenhum drama, dado que se mantiver as posições irredutíveis que tem, não defendendo os interesses do ensino superior em Portugal, não defende os interesses dos estudantes".

Passa o tempo da abertura entusiástica dos presentes para a hora de reflectir os próximos passos. Assim, às 16h35m os dirigentes reúnem-se em frente de

uma mega faixa de fundo branco, trazida pela UBI, aonde se podia ler a declaração do Primeiro-Ministro António Guterres ao Público em 1994: "A aplicação da lei das propinas passa por uma Reforma Fiscal que permita determinar o rendimento dos portugueses".

Das várias hipóteses de acção, ir até à Assembleia da República, aonde se votava na especialidade o Orçamento de Estado para 1999, tão contestado pelos estudantes do ensino superior, mas aonde também se manifestavam os suinicultores ou ir até ao Terreiro do Paço, optou-se por esta última. A razão era a Comemoração dos 50 Anos da Declaração Universal dos Direitos Humanos em que a educação é um dos direitos (art. 26º).

Após mais uma longa caminhada, mas não cansativa segundo os manifestantes, porque quando se luta por uma boa causa (ainda que nem todos saibam qual é) não há cansaço que se instale, chega-se ao Terreiro do Paço, aonde mais tarde o ambiente provocado pelo breu da noite e os milhares de velas acesas convidavam a reflectir.

À partida para Coimbra, pelas 19h15m, o quadro dos autocarros repetia-se, com Hugo Capote e os seus futuros companheiros de trabalho num e a actual DG noutra.

O dia tinha sido longo, a caminhada ainda mais e o embalar da estrada ditava a "hora do Vintinho" para a maioria.

Ana Laura



O porquê da fraca adesão

Hugo Capote na rua

A Cabra: A manifestação está a corresponder às tuas expectativas?

Hugo Capote: Não, sinceramente não. Estava à espera (estou a falar a nível de Coimbra, Lisboa já nunca espero grande coisa) de mais gente, mas se calhar há razões muito objectivas que levaram a que não estivessem cá as pessoas que deviam e que queriam ter estado. O facto de termos tido umas eleições e de não ter havido praticamente tempo para se informar as pessoas e se ter feito uma campanha mobilizadora para as pessoas terem vindo, pode justificar a fraca adesão, que de facto é inegável. Não vieram as pessoas que eu estava à espera. Quanto a mim, no pior dos cenários teriam vindo pelo menos o dobro das pessoas de Coimbra e parece-me que vai ser uma bota difícil de descalçar no futuro.

C: Vai influenciar, de alguma maneira, a tua postura?

H.C.: Sinceramente estou convencido que com uma campanha de mobilização e com uma campanha preparada com mais tempo, em que não tivesse havido eleições vinha mais gente. É que a maior parte das pessoas envolvidas nas listas des-

mobilizaram completamente e nem sequer para a segunda parte do processo eleitoral estiveram atentas, nem se mexeram grande coisa. Tenho a impressão que num cenário em que as condições fossem mais favoráveis podíamos voltar a repetir uma manifestação com uma forte adesão em Coimbra. Agora, não se podem fazer manifestações como quem vai ao supermercado ou como quem troca de camisa.

C: Isto está mal em Coimbra e nos outros pontos do país. Achas que a luta ainda mobiliza?

H.C.: Acho que as pessoas estão cada vez mais sensibilizadas para o problema, mas nesta altura não se identificam com o discurso que as está a fazer continuar a lutar. As pessoas não estão ainda na posse de determinados argumentos, ou condições, de que nós estamos mais cientes, quando digo nós, digo as pessoas que estão melhor informadas, nomeadamente da forma como o dinheiro está a ser gasto, da questão do estudante elegível... Quando estiverem mais conscientes destes problemas e se calhar com outra forma de discurso e de mobilização, tenho a impressão (e este ano vai ser crucial, vamos ter que tentar o tudo

ou nada) de que poderemos voltar a mobilizar muitas pessoas e a luta, quanto a mim, não está perdida. Mas também é importante estarmos aqui e marcarmos uma posição. E quer cá esteja muita gente ou pouca, continua a cá estar Coimbra, Porto, Lisboa e continua a haver estudantes a dizer alto lá que as coisas não são bem como o Ministro e o Governo as dizem e se calhar o facto de isto não estar a ter o impacto e a adesão que nós queríamos pode servir como factor para acordar algumas mentes mais adormecidas nesta altura e pode ser que mobilize mais gente para a próxima.

C: Qual é que achas que vai ser o impacto que isto vai ter fora do meio estudantil, nas pessoas que votam, no Governo?

H.C.: O Governo nesta altura está mais descansado do que esperava. No entanto, eu já sei que o Ministro ia inaugurar qualquer coisa no Instituto Superior de Economia e Gestão e que quando ouviu o rumor de que nós iríamos para lá cancelou imediatamente. De alguma forma o Ministro tem medo de um confronto, não digo que seja físico, mas de ideias. Se o tem, por alguma razão o há-de ter, ou se calhar

não tem a consciência totalmente tranquila e limpa nesta matéria. Ao nível da opinião pública isto é claramente prejudicial para nós, porque se nós temos tanta razão porque é que não conseguimos meter aqui as pessoas?

C: Verifica-se que cada vez menos as pessoas estão a aderir às manifestações de rua. Porque não lutam de outra forma?

H.C.: Não parece que a leitura seja assim tão linear. Parece que isso tem a ver com a altura do ano em que se faz e lá está, em Lisboa não sei, mas em Coimbra parece-me que feita noutra altura ou com mais espaço de intervalo entre as eleições e esta manifestação teríamos conseguido trazer mais pessoas. Ainda há duas semanas em Coimbra conseguimos ter mais de mil pessoas na manifestação dos archotes à noite, sem termos tido uma grande preparação, portanto alguma coisa se passa. Acho que as manifestações locais nesta altura beneficiariam mais a imagem do estudante. Mas o importante é estarmos presentes e continuarmos a dizer que acreditamos na contestação e não acreditamos neste Governo.

C: Como é começar o teu

mandato nestas condições?

H.C.: É claro que eu preferia ter aqui muito mais gente, sem desprimor nenhum para a actual DG, até porque eu acho que ela não teve tempo para mobilizar, mas veio dar-nos razão quando dizemos que os estudantes não se estão a identificar, como já se identificaram no passado, com o discurso que esta está a ter. O que nós temos de procurar, fazendo um balanço e tendo uma posição muito humildes, é voltarmos-nos para dentro e dizer alto, como é que vamos conseguir voltar a trazer para a rua as pessoas? Vai-nos dar muito trabalho e fazer puxar pela cabeça, mas estou convicto que vamos conseguir.

C: A tua DG vai conseguir arrebitar de novo a Academia?

H.C.: Isso é uma frase muito pretenciosa mas é isso que nós queremos e estou convicto de que sim. Se nós conseguimos, contra tudo e contra todos, ganhar as eleições, se conseguimos convencer três mil e tal estudantes, parece-me que também vamos conseguir fazer outros milagres, "pequenos milagres".

Entrevista de Ana Laura e AVP

Eleições para a AAC envoltas em polémica.

Listas revoltadas

As eleições para a Associação Académica de Coimbra continuam a ser postas em dúvida pela listas K e R, que, apesar de já terem vistos os seus argumentos rejeitados por duas instâncias, tencionam levar o processo até às últimas consequências.

Este acto eleitoral foi um dos mais concorridos da história da Academia de Coimbra, mas também um dos mais polémicos. Na primeira volta, José Coelho da lista K e Vítor Aires da lista R, ainda antes do fecho das urnas, entregaram à Comissão Eleitoral (CE) pedidos de impugnação das eleições, o que gerou logo um enorme mal-estar entre todos os que se preparavam para uma longa e fastidiosa noite de contagem de votos.

Os dois estudantes dizem ter existido uma má condução de todo o processo, pois houve falta de delegados da Comissão Eleitoral junto das urnas e os cadernos eleitorais não estavam organizados, tendo-se verificado a repetição de listagens do primeiro ano, nas licenciaturas de Electrotécnica, Mecânica e Informática.

Alegam também que a abertura das urnas não foi simultânea, não cumprindo dessa forma um dos pontos do regulamento

eleitoral que determina a abertura das urnas durante dez horas. Outro das razões que constavam dos pedidos de impugnação foi que não tinha havido definição atempada da constituição das mesas, impossibilitando assim às listas o envio de delegados. Lembram ainda que ficou decidido numa reunião da CE que as urnas deveriam ser instaladas em locais dignos e de fácil acesso, deliberação que não foi cumprida em algumas faculdades, como na de Direito e na de Letras.

Na reunião da Comissão Eleitoral onde foram analisados os dois pedidos, foi dado um parecer desfavorável à impugnação, tendo-se registado 2 votos a favor, 4 contra, uma abstenção e a falta de comparência de Nuno Ferro.

Tanto Vítor Aires como José Coelho ficaram indignados com o facto de a reunião se ter realizado já depois da contagem de votos, pois con-

sideram que ela deveria ter acontecido antes. Pedro Paredes, presidente da CE não concorda com esta visão, "porque não se faz a análise de uma coisa tão grave a quente".

Os dois cabeças-de-lista recorrem da decisão para o Conselho Fiscal da AAC, e no dia 30 de Novembro apresentaram

um pedido de providência cautelar no Tribunal Judicial de Coimbra.

A decisão da juíza encarregue da análise ao processo, foi conhecida ainda decorria a segunda volta. A providência cautelar tinha sido indeferida, o que motivou desde logo duras críticas dos dois candidatos derrotados, principalmente a Pedro Paredes, a quem acusaram de incompetência e de querer boicotar o que eles acreditam ser justo, porque este não lhes facultou um elemento bastante importante, a acta da reunião onde foi dado o parecer desfavorável à impugnação.

Quanto a esta acusação, o presidente da CE lamenta não lhes ter entregue o documento em questão, mas afirma que pura e simplesmente não te-

ve tempo para elaborar a acta. No entanto contra-ataca dizendo que "se eles tivessem base para o pedido, se calhar a juíza tinha decidido o contrário". Acrescenta ainda que não houve irregularidades, mas apenas algumas dificuldades, como no caso dos atrasos na abertura das urnas e das repetições de cadernos eleitorais, situações que foram prontamente corrigidas. "Se eles tivessem razão, eu seria o primeiro a pedir a impugnação, ou a reformulação de todo o processo".

Vítor Aires afirma que vai aceitar a decisão dos órgãos internos da Associação, seja ela qual for. Já José Coelho reafirma a sua confiança no desenrolar do processo internamente, mas põe a hipótese de recorrer para os tribunais civis.

Relativamente a esta última hipótese, o presidente eleito, Hugo Capote, afirma que o assunto deve ser resolvido dentro da Academia.

Pedro Silva

Eleição dos Corpos Gerentes da Associação Académica de Coimbra 1998/1999

Conselho Fiscal

Lista E Grita de novo Académica	<input type="checkbox"/>
Lista H Atreve-te!	<input type="checkbox"/>
Lista K Novo milénio, outra Academia	<input checked="" type="checkbox"/>
Lista L Desperta!	<input type="checkbox"/>
Lista M Tradição sim, mas inércia não	<input type="checkbox"/>
Lista R Uma Academia... o teu reflexo	<input type="checkbox"/>
Lista S Contra o silêncio S. ou S.	<input type="checkbox"/>

Opinião

O MINISTRO, O GOVERNO E OS ESTUDANTES

Desde 1962, só para restringir o tema a protagonistas vivos, que os estudantes das universidades ou antes, a parte movente e agente deles, se dedicam a combater a política, em particular a política educativa, dos sucessivos governos. Viram-se desde boas causas, das liberdades cívicas à luta por uma educação de qualidade a causas inomináveis, como a tentativa torpe de impedir os politécnicos de atribuir o grau de licenciado. Mesmo quando as associações de estudantes eram ocupadas por próceres partidários, e hoje não se anda muito longe disso, os estudantes faziam, ciclicamente, reivindicações, propostas e, sobretudo, contestavam ao sabor da ortodoxia dos tempos. O exercício culminava, invariavelmente, com o pedido de demissão do ministro titular da pasta da educação.

Que eu me lembre, raras vezes o pedido foi acolhido e as políticas corrigidas mas, indiscutivelmente,

os estudantes encontraram e encontram boas razões para se sublevar. Contudo, nunca antes como agora gozaram de tão pouca simpatia na opinião pública o que, numa partidocracia que governa ao sabor das sondagens, é o fim de qualquer reivindicação. Ao contrário dos pilotos da TAP ou dos portos não estamos em condições de condicionar o bom desempenho da economia ou, como na greve dos médicos, de irritar um número suficiente de votantes para pôr um governo de sobreaviso. As greves de estudantes só prejudicam os próprios e as manifestações de rua só intimidam ministros quando se vive um ambiente de crispação como o que se viveu no fim do cavaquismo.

O caso de Marçal Grilo é, aliás, exemplar. Já esteve demissionário várias vezes, mas sempre devido a problemas com o Partido Socialista ou com colegas do próprio governo e nunca devido à contestação oriunda do exterior.

Quer isto dizer que é um bom político ou um bom ministro?

Nem uma coisa nem outra.

Em matéria de política quem as-

sistiu à assinatura do acordo com os representantes dos professores, um acordo considerado histórico (3% de aumento em tempos de contenção orçamental e um reordenamento das carreiras à muito desejado), viu um ministro desperdiçar uma oportunidade única de fazer um brilhante para eleitor ver (qualquer um dos seus colegas de governo faria melhor). O entusiasmo, quase infantil, com que conversou com os jornalistas e a forma displicente com que se apresentou frente às câmaras de televisão não mostraram um político, antes transmitiram a ideia de um ministro bem intencionado.

Em matéria de gestão dos dossiers é possível encontrar aspectos negativos e positivos. Negociou com as universidades uma forma de financiamento que não cumpre, mas deu à política de ensino pré-escolar um impulso que ninguém se atreve a contestar. Só que, Marçal Grilo encontrou um ministério caótico e conseguiu pôr-lhe alguma ordem e, por isso, muita gente vê nele um bom ministro. Já ninguém se lembra da confusão que foram os exames nacionais do ensino secundário e

atribuem-lhe uma parte da coragem que o governo precisou para optar pela cidade da Covilhã para a nova faculdade de Medicina. O aparelho socialista (particularmente o viseense e o transmontano) ainda barafusou e, à falta de melhor, parecia disposto a embarcar na loucura de criar novas universidades. Calma e serenamente o ministro da educação disse que não concordava e que se ia embora. O PS retirou as propostas.

De resto, o actual ministro tem a fama de ser um profundo conhecedor do sistema, fruto dos anos que passou no Conselho Nacional de Educação o que, se não o trona particularmente competente, o distingue dos seus antecessores mais próximos, e serviu-lhe para desanuviar o ambiente entre os agentes educativos.

Sinceramente espero que não o demitam nem que ele se demita. É que, olhando para as últimas remodelações governamentais, os novos ministros têm quase todos a distinta qualidade de virem do aparelho do partido do Governo a pretexto de uma reintrodução da "política" na

acção governativa. Não discuto os méritos da coisa, mas na educação isso significava o regresso do estilo Manuela Ferreira Leite, que não deixou saudades a ninguém (suspeito que nem à própria).

Por isso parece-me que discutir ministros, em particular este ministro, é inútil e pouco produtivo.

Agora, se falarmos de discutir políticas outro galo cantará. Ninguém ignora o estado terceiro-mundista que se vive numa parte substancial do sistema educativo. Só que mudar o estado das coisas implica opções orçamentais diferentes porque sem meios não se conseguem milagres, o que quer dizer que temos de tirar em algum lado. O que significa, pelo menos, muita coragem política de quem propõe e de quem executa.

Haverá por aí algum dirigente associativo disponível para reivindicar nas próximas eleições legislativas o voto num partido que assuma o compromisso de adoptar as medidas necessárias ao progresso da educação em Portugal? E será que esse partido existe?

Tiago Maranhão

Ficha Técnica

Directores: Adeodato Valente Pinto, Fernando Nunes **Edição:** Bruno Ferreira, Eduardo Brito, Nuno Curado, Rui Justiniano, Susana Ribeiro, Tiago Maranhão **Director Gráfico:** Nuno Curado **Paginação:** Nuno Curado, Adeodato Valente Pinto, Rui Justiniano **Redacção:** Ana Drago, André de Brito Correia, Andreia Gouveia, Hugo Daniel Sousa, Hugo Ferreira, João Melo Alvim, José Carlos Santos, Pedro Silva, Rosário Salvado Rui Silva, Sofia Branco **Colaboradores:** Ana Laura, Bruno Vale, Daniel Marinho Pires, Helder Silva Dantas, João Silva, Pedro Correia, Sérgio Alves **Fotografia:** Eduardo Brito, Lia Pinto, Pedro Silva, Susana Ribeiro **Impressão:** Coraze, S.A.; **Tiragem:** 3000 exemplares **Produção:** Secção de Jornalismo da A.A.C.; **Propriedade:** Associação Académica de Coimbra; **Sede:** Rua Padre António Vieira **Telefone/Fax:** (039) 821554 **Agradecimentos:** Reitoria da Universidade de Coimbra, Serviços de Acção Social da Universidade de Coimbra e Centro de Estudos Cinematográficos.



Entrega dos prémios "Francisco Salgado Zenha"

Desporto em Festa

Os galardões que premeiam aqueles que se distinguiram no desporto da Associação Académica de Coimbra, foram ontem entregues numa cerimónia onde estiveram presentes inúmeras personalidades oriundas dos mais diversos pontos do país.

A segunda edição dos prémios "Francisco Salgado Zenha" decorreu ontem à noite no Centro Cultural Dom Dinis. Havia onze troféus para entregar àqueles que, não somente pela sua participação desportiva, se destacaram num universo de 20 Secções Desportivas e de uma imensidão de títulos que o histórico da Académica já ostenta.

O júri que teve a "ingrata" tarefa de escolher os vencedores foi constituído por algumas das mais destacadas individualidades da nossa Academia e da cidade de Coimbra. Para esse efeito foram convidados o reitor da Universidade de Coimbra, o Prof. Doutor Fernando Rebelo, o presidente da Direcção-Geral da Associação Académica de

Coimbra, António Silva, dois ex-atletas de renome da Brios, o Coronel Carlos Faustino, vencedor da Taça de Portugal de Futebol e, o Dr. Mário Mexia, Campeão Nacional de basquetebol, um membro do Conselho Desportivo da AAC, Paulo Jorge Tejo, e por fim, representantes de quatro órgãos da Comunicação Social, de âmbito local e nacional.

Apesar de não haver muitos nomeados, em algumas categorias a escolha revelou-se algo difícil.

O prémio para a entidade que mais apoiou a prática desportiva na Academia foi atribuído aos Serviços de Acção Social da Universidade de



Francisco Salgado Zenha (1923-1993) de que mais apoiou a prática desportiva na Academia foi atribuído aos Serviços de Acção Social da Universidade de

Coimbra, e o referente à "Empresa" foi para a Norgrupo. Para o "Prémio Conselho Desportivo" foi galardoado Tiago Magalhães.

Relativamente às secções desportivas da AAC, as Secções de Radiomodelismo, de Desportos Náuticos e de Natação foram as que saíram mais satisfeitas, com dois troféus cada. A primeira foi considerada a "Secção do Ano", e viu o seu presidente, Carlos Lobo ser eleito como o melhor dirigente. À segunda foram atribuídos os prémios de "Atleta" e "Treinador do Ano", respectivamente Tiago Oliveira e Latchezar Boytchev.

Quanto à Secção de Natação, que apresentava à partida quatro nomeados, viu apenas serem distinguidos dois, Manuel Alegre ("Prestígio") e Nuno Ferreira ("Revelação"). O troféu "Dedicação" foi entregue a

Mário Rui Ferreira (Atletismo) e o prémio "Carreira" a Mário Mexia (Basquetebol).

Primeiro presidente eleito da AAC

Francisco de Almeida Salgado Zenha nasceu a 2 de Maio de 1923 na cidade de Braga. Em 1944 é eleito presidente da Associação Académica de Coimbra, sendo demitido pelo Reitor em 1945, por razões políticas. Forma-se em Direito, com dezassete valores, no ano de 1948, iniciando, no ano seguinte, o que viria a ser uma intensa vida política.

Morre em Lisboa a 1 de Novembro de 1993, com setenta anos.

Pedro Silva

Secção de Radiomodelismo da AAC galardoada com prémios "Francisco Salgado Zenha"

Dirigente e Secção Do Ano

A Secção de Radiomodelismo da Associação Académica de Coimbra viveu ontem à noite um dos momentos mais importantes do seu curto histórico, ao serem-lhe atribuídos dois galardões, na cerimónia de entrega dos prémios "Francisco Salgado Zenha". Além de ser considerada a secção do ano, o presidente da Direcção recebeu o galardão que premeia o melhor dirigente desportivo da Academia.

Apesar de ser uma das mais recentes secções da AAC, foi fundada em 1990, a Secção de Radiomodelismo tem já no seu currículo vários campeonatos nacionais e taças de Portugal.

Carlos Lobo, o homem que preside aos destinos desta secção, e ocupa também o cargo de vice-presidente da Federação Portu-

guesa de Radiomodelismo, considera que esta modalidade está pouco divulgada a nível nacional. Em Coimbra é bem dinamizada, mesmo a nível da comunicação social regional. Segundo este dirigente, a Associação Académica de Coimbra, em radiomodelismo, é o melhor clube português, e em termos de organização, um dos melhores a nível mundial. Para justificar esta opinião invoca os inúmeros títulos nacionais já conquistados, e a organização do Campeonato da Europa em 1993 e do Campeonato do Mundo de 1998. E vai mais longe, revelando que já foi atribuída à AAC a organização do Campeonato do Mundo de 2001, escala 1/5 pista. Para este último evento ser completamente garantido em Coimbra, Carlos Lobo só está à espera que

disponibilizem a pista no pólo II, objectivo que pensa alcançar já no próximo ano, se para isso tiver apoios suficientes. "Nós não queremos dinheiro, queremos ajudas



a nível de materiais e de infraestruturas", agradecendo em seguida à Câmara Municipal de Coimbra, à Universidade de Coimbra, ao Estádio Universitário e ao Instituto da Juventude. Em relação

ao Governo Civil de Coimbra, ao Instituto Nacional do Desporto (IND) e ao Turismo, o galardoado deixa no ar algumas críticas, porque verifica que das promessas feitas, poucas ou nenhuma foram cumpridas pois, "do património que nós temos, conseguimos-lo praticamente à custa dos nossos patrocinadores".

Quanto ao Conselho Desportivo da Associação Académica de Coimbra, Carlos Lobo considera que está a fazer um bom trabalho mas, com um tom bastante céptico, confessa desconhecer quando é que as secções irão recolher frutos disso.

Uma das grandes esperanças da Secção de Radiomodelismo é Miguel Lobo, um jovem de 18 anos, que se sagrou este ano Campeão Nacional na escala de 1/8

Todo-o-Terreno, sendo igualmente vice-campeão de 1/5 em pista.

Miguel considera que este é um desporto capaz de cativar as pessoas, se for bem divulgado, pois não requer grande disponibilidade nem de tempo, nem de dinheiro.

Apesar de afirmar que os pilotos portugueses actualmente a competir a nível nacional, cerca de 60, têm bastante qualidade, tem como objectivos para o próximo ano, a revalidação do título nacional de 1/8 TT e a conquista do campeonato nacional de 1/5 pista. A nível internacional apenas quer obter melhores resultados que os obtidos no último Campeonato do Mundo (80º lugar).

Pedro Silva

Académica 26 - Benfica 10

Rugby cada vez mais favorito

As poucas pessoas que se deslocaram no passado sábado ao Estádio Universitário de Coimbra, assistiram a um jogo fraco, mas de emoções fortes.

À partida a Académica não contava com Murray Cox e Ricardo Benedito, ambos lesionados, mas apresentava uma novidade, o jogador australiano Joseph Ricciardo. Por seu lado o Benfica foi "obrigado" a alinhar com uma equipa bastante jovem, visto não contar com sete habi-

tuais titulares, todos eles lesionados.

Na primeira parte a AAC dominou completamente o jogo, mas não conseguia traduzir essa supremacia em números. A resistência encarnada durou cerca de trinta minutos, até Hélder Vieira inaugurar o marcador com um ensaio de belo efeito. Nos últimos dez minutos da primeira parte, o internacional Ricardo Nunes marcou mais dois ensaios, chegando a partida ao intervalo com o re-

sultado de 19-3.

Na segunda parte, os estudantes começaram da melhor maneira, com Cláudio Lima, depois de uma excelente jogada colectiva, a marcar o quarto ensaio da partida e da sua equipa. Quando toda a gente esperava o avolumar do resultado para a AAC, o Benfica responde aos onze minutos com um ensaio de Paulo Gonçalves.

Aos trinta minutos da segunda parte, depois de assinalada uma

falta contra o Benfica, os jogadores de ambas as equipas envolveram-se em cenas de pancadaria, juntando-se-lhes alguns elementos do público. Daqui resultaram dois cartões amarelos (dez minutos de exclusão) para o capitão academista, João Luís e para Ricardo Junqueiro do Benfica.

Até ao final ainda foi mostrado mais um amarelo a Fernando Cardoso da Brios.

A vitória foi assim para a Académica, com o resultado final

de 26-10, ficando assim isolada no primeiro lugar do campeonato.

No final o treinador da Académica, Andy Earl mostrou-se satisfeito com a vitória, mas realçou que vai tentar corrigir algumas coisas que funcionaram menos bem.

O treinador do Benfica considerou o resultado justo.

Na próxima jornada a Académica desloca-se a Lisboa para defrontar o Cascais.

PS

TEUC: 60 anos

Uma exposição alucinante!



Homo speculatus
Exposição retrospectiva TEUC.60 ANOS



Homo speculatus
Exposição retrospectiva TEUC.60 ANOS

A exposição Homo Speculatus é uma proposta de celebração dos 60 anos que o TEUC está a apresentar no Edifício de Chiado da Câmara Municipal de Coimbra. A exposição retrospectiva estará patente ao público até ao dia 22 de Dezembro, no horário das 14h30 às 18h30.

Esta exposição visa repensar os 60 anos de história deste antigo grupo de teatro universitário enquanto reflexo de uma vivência quotidiana com as suas memórias do passado e relançar a actividade do presente. Na apresentação da exposição o TEUC afirma como "importante salvaguardar que não se trata de de uma mostra exaustiva de material, nem sequer a pretensão de referir todas as produções feitas pelo TEUC", mas sim "descobrir todos os dias novas iniciativas que tiveram lugar no

passado e que não estão historiadas", e que "a escolha e a disposição geral dos documentos têm por base o prazer em jogar com a ambiguidade dos materiais".

Uma exposição concretizada em forma de viagem ao passado dividida em quatro zonas e que é estabelecida a partir dos primeiros trinta anos, seguindo-se os anos 70, 80 e anos 90, definidas por um tempo cronológico, uma linguagem e um determinado tipo de actividades. É curiosa a definição estabelecida pelo TEUC em relação aos anos 90: "O grupo investe na formação cíclica como veículo de renovação e simultaneamente, pretende satisfazer as expectativas e exigências de um quotidiano alucinogénico".

Uma exposição a visitar...mesmo sem pastilha!

FN

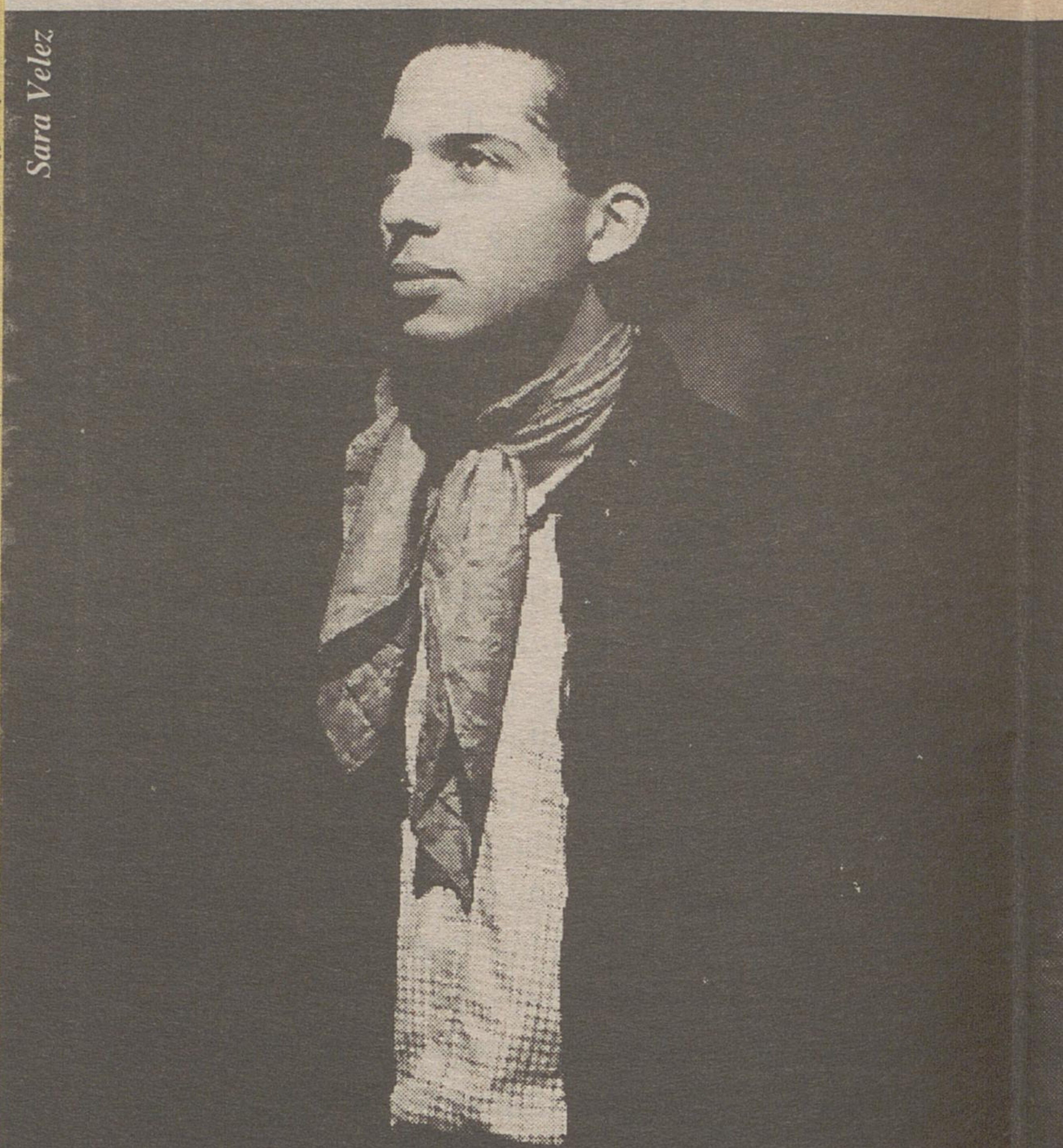
"Há Horas do Diabo" é uma peça onde se questiona o sentido da existência, o absurdo enquanto processo de aceder a uma outra realidade. Realidade essa determinada pelo bem e pelo mal, o tempo e os lugares, o trágico e o cómico misturados, envolvidos e revolidos enquanto temas focalizados nos dois textos que se cruzam, no cruzamento dos dois autores. Um projecto teatral assente na construção de personagens e nesse jogo de contradições e opostos a cada um dos elementos, balizados entre a memória e a experiência, e o peso que delas se extrai.

Nesta peça que o TEUC apresenta agora no T.A.G.V., há por parte do grupo actual, uma clara apropriação de um texto do quotidiano e outro mais poético, um clássico sagrado da literatura portuguesa, permitindo a coexistência dos mesmos na sua diferença e a possibilidade de arriscar e experimentar um registo muito próprio, afastado de trabalhos mais específicos em que grupo vinha desenvolvendo o seu trabalho.

Aparentemente a peça situa-nos na história de um rapaz sem memória que acorda num jardim com uma pistola no bolso, embora não seja aqui o seu início, aí estão também um velho e uma velha em delírio discursivo, há uma família banal que espera pelo rapaz sem que ele regresse, os amigos também esperam por ele, enquanto o absurdo vai crescendo à volta deles todos, terminando a peça em tom poético e metafórico, tal e qual como começou.

Após uma cena inicial de grande carga onírica e ex-

O TEUC estreou uma nova peça, *Há Horas do Diabo*, de Jacinto Lucas Pires e *Fausto*, proposta por Manuel Sardinha. No palco do TEUC apresenta 14 actores que dão corpo e voz às personagens, num ano de intensa actividade e em que o grupo da. Para ver e ler há também uma exposição -Homo Speculatus- edição da revista Teatro de Bolso, progra



Cena inicial de "Há Horas do Diabo"

pressiva força dramática, o quadro seguinte remete-nos para um universo familiar bem conhecido, como aquele que são os clichés a propósito das novelas e da violência familiar existentes no quotidiano, mas completamente estilizados e banais. Problemáticos são algumas colagens de "Fausto" de Fernando Pessoa, em alguns momentos da peça, pois o encenador imprimiu uma relação temporal ao desenvolver a acção da peça a partir das mesmas. Colagens pertencentes a um texto poético que, para além da literária transfiguração pessoana, alimenta-se do real ao mesmo tem-

po que o recria, o revivifica e envolve numa luta contra o tempo contínuo e ao mesmo circular que apela à recriação dos personagens com mais que não acresce mais às situações trágicas de "Universos e Frigidos". O período inicial é de absorvente mas excessivo.

No uso que o TEUC faz do texto de Jacinto Lucas Pires, notória a aplicação dos seus recursos culturais e estéticos porâneos e a sua subversão no jardim da polícia são hilários.

Dois actores falam de "Há ho

Claudia Pato, 21 anos, estudante de Sociologia, era a criada em "As Bodas de Sangue", de Federico Garcia Lorca com a encenação de José Neves, e agora é Francisca em "Há Horas do Diabo". Um papel que transporta consigo a difícil missão de introduzir a peça.

Cabra: Qual é o teu papel na peça?

Claudia Pato: O meu papel é o de uma rapariga que se chama Francisca, é uma personagem retirada da peça "Universos e Frigidos", do Jacinto Lucas Pires, nós adaptamos esta personagem e o Manuel Sardinha fez isso, que está contida em muitos textos do "Fausto", portanto esta peça trata muito da memória daquilo que aconteceu às pessoas no passado e como é que elas reagem a isso no presente e qual é a atitude delas quando se lembram disso e quando a memória lhes volta outra vez à cabeça. Esses textos do "Fausto" do Fernando Pessoa falam disso e como é que essa personagem funciona com essa memória. É uma personagem com uma

carga emotiva muito grande e às vezes muito pesada, ao contrário do resto da peça onde o texto do Jacinto (Lucas Pires) acaba por lhe dar um carácter

ter das curtas metragens de todos os dias como nós (o TEUC) escrevíamos no texto, o que é um grande desafio.

C: Como é que tens conciliado o teu curso na Universidade com a tua actividade no Teuc?

"Aprende-se muito a fazer teatro"

muito mais leve, mais do quotidiano, do que os textos do Pessoa associados a esta e a outras personagens que contêm em si uma carga mais dramática.

C: Foi difícil entrar na personagem?

C.P: É uma personagem muito difícil de entrar, porque é um registo muito difícil de entrar, ao mesmo tempo associar a este registo a este carácter

liado o teu curso na Universidade com a tua actividade no Teuc?

C.P: É bastante complicado conciliar o teatro com a Universidade, mas depende sempre daquilo que se quer fazer e do tempo que se quiser dispensar aqui dentro. Especialmente este ano que foi um ano de grande actividade com a celebração do TEUC.60 anos onde tivemos que preparar a peça "As

Bodas de Sangue", de Federico Garcia Lorca, a edição da revista Teatro de Bolso, a exposição "Homo Speculatus" que está no Chiado e esta peça agora, pode-se dizer que foi um trabalho ao longo do ano e bastante cansativo.

C: Quem corre por gosto não cansa?

C.P: Eu penso que cansa na mesma, mas não deixa de ter um certo gosto e um certo gozo em fazer as coisas e ver que realmente vale a pena apostar nas coisas. E quando se gosta realmente de fazer teatro e ver que isso é uma coisa que vale mesmo a pena, aprende-se muito a fazer teatro.

FN



a fazer teatro

"Há Horas do Diabo", a partir dos textos "Universos e o Tempo" de Fernando Pessoa, numa encenação do Teatro Académico de Gil Vicente, o TEUC. Personagens que cruzam os textos dos dois autores. Grupo universitário celebra 60 anos de existência. O Speculatus, no Edifício do Chiado, e a estreia da peça hoje ao fim da tarde.



personagens. Este é, portanto, um projecto teatral que pretende cruzar o real com o irreal, na dificuldade com que estes se apresentam perante nós. A presença de um ser que se questiona e, subitamente, intuitivamente, representa o seu universo intelectual exteriorizado. Eficaz até ao ponto de não se saber onde começa e onde acaba o sonho. "Há Horas do Diabo" não é, portanto, uma peça fácil, já que exige ao espectador que não se distraia nem um minuto da hora e meia da duração. A amnésia só é permitida no palco.

E agora, depois de a peça ter acabado, alguém se lembra de alguma coisa?

No dia 15, terça-feira, houve ainda mais uma proposta deste grupo universitário intitulada de "Conversas do Diabo: a Génese, o Processo e a Realidade", às 18h30, no café teatro do TAGV, onde estiveram presentes Manuel Sardinha, Jacinto Lucas Pires e Rui Cintra, crítico teatral do jornal "O Independente".

Para além deste espectáculo, que prosseguirá com mais três apresentações no Porto (Auditório Nacional Carlos Alberto) em Março de 1999, o TEUC encontra-se a celebrar os 60 anos de actividade com uma exposição retrospectiva intitulada "Homo Speculatus", no edifício do Chiado, enquanto que a revista "Teatro de Bolso" verá a luz do dia, dia 16 de Dezembro, pelas 18h00, no foyer do Gil Vicente, numa iniciativa a que este jornal se associa ao oferecer dezenas de revistas aos nossos leitores.

Fernando Nunes

O Elenco de "Há Horas do Diabo"

Há Horas do Diabo é uma encenação de Manuel Sardinha, com a assistência de realização Ana Bettencourt, desenho de luz de Jorge Ribeiro, cenografia de Paulo Girão, banda sonora e sonoplastia de Pedro Cabral e Rui Capitão, fotografia de Sara Velez, figurinos de Manuel Sardinha e Ana Bettencourt, grafismo de Sara Velez e João Guerreiro e luminotecnia de Luís Lourenço. Os actores presentes em palco são: Carla Fino, Cláudia Carvalho, Débora Mateus, Isabel Craveiro, Joana Pupo, João Guerreiro, José António Mariz, Luís Rodrigues, Nélson Rodrigues, Paula Marques, Paulo Boto, Rui Guerreiro, Sandra Correia, Verónica Oliveira. A produção executiva pertence a: João Guerreiro, Neusa Dias, Paula Joana Barroso, Sandra Silvestre e Tânia Pereira.



TEATRO DE BOLSO Nº 0

"De que forma é que este projecto vai potenciar futuras actividades do grupo?" , é esta a questão que o grupo redactorial da revista "Teatro do Bolso", publicação do Teatro de Estudantes da Universidade de Coimbra, faz aos seus leitores e apreciadores de espectáculos do grupo no seu editorial de apresentação da revista ao público. A questão é pertinente

, pois quantas revistas neste país asseguram uma continuidade ou revitalizam as estruturas em que estão inseridas? Poucas é certo, mas o fulgor inicial e o investimento humano nesta primeira edição da Teatro de Bolso promete apostar que a palavra continuidade não será uma figura retórica e que o TEUC apesar de não ser um grupo profissional também está longe de ser amador, no melhor sentido que esta palavra ainda possa ter.

"Teatro de Bolso" promete ainda voltar de seis em seis meses e não pretende dar só conta da actividade teatral do TEUC mas estender-se à investigação e à memória, relançar o debate e a discussão à volta do teatro em Coimbra e ainda abrir um espaço à edição novos textos para os palcos portugueses. Como é que será a nº1?

"Há Horas do diabo" e do TEUC

João Guerreiro, 24 anos, estudante de Química, foi o "Lenhador" e "1º Rapaz" em "Bodas de Sangue", de Federico Garcia Lorca, e agora em "Há Horas do Diabo" é um rapaz que acorda num banco de jardim com uma pistola no bolso após ter perdido a memória. Ao contrário do papel que faz na peça conseguiu contar o que anda a fazer na peça e aquilo que faz no TEUC.

Cabra: Nesta peça fazes o papel de amnésico, andas pelo palco um pouco esquecido, não é verdade?

João Guerreiro: Sim, é um papel retirado de "Universos e Frigoríficos", o tal rapaz que acorda num banco de jardim com uma ligadura na cabeça e completamente amnésico, é muito interessante porque retrata precisamente a necessidade de renascimento que nós procuramos todos os dias, quando procuramos esquecer para tentar refazer, mas é um papel bastante motivante também, às vezes um pouco ingrato, porque requer um registo muito próprio onde tenho de fazer de amnésico, o que é um bocadinho difícil.

C: Na tua vida quotidiana perdes muitas vezes a memória?

J.G: Eu tenho uma memória bastante intuitiva e confio nela.

"Ser amnésico na peça é muito difícil"

C: O grupo actual do TEUC é muito novo?

J.G: Sim. O Teuc conta com 40 sócios efectivos e metade deles entraram com o curso de formação só que é a malta mais nova é aquela que vem com mais interesse. E é verdade que esse curso de formação foi o

epicentro e toda esta actividade tem sido o grande trunfo deste grupo.

C: Como é que analisas o aparecimento da revista "Teatro de Bolso", dez anos de

pois da revista "Teatruniversitário"?

J.G: A edição da revista é fundamentalmente importante para intervir nas áreas que se relacionam com o teatro. Esta revista é o retorno do TEUC à edição dez anos depois, é bom que se diga isto, após a fantásti-

ca Teatruniversitário, o que é muito bom para nós. Não há comparação possível, os tempos são outros. Está aqui lançada uma proposta para nós e para os que virão mais tarde como sendo um projecto ganhador à partida.

C: Como é que decidiste começar a fazer teatro?

J.G: Eu comecei a fazer teatro cá em Coimbra, após ter ido ver algumas peças, não propriamente as do TEUC e decidi inscrever-me no curso formação. E estou a gostar bastante porque descobrir que posso fazer coisas que antes não tinha sequer a noção de que as poderia fazer.

FN

Academia de Coimbra apoia os mais desfavorecidos

"Para um Natal melhor..."

De sete a quinze de Dezembro realizaram-se no distrito de Coimbra inúmeras iniciativas, tanto culturais como desportivas, no âmbito da I Semana de Solidariedade Académica, que tem como objectivo ajudar os mais necessitados.

Contando com a presença e incentivo do Reitor da Universidade de Coimbra, Prof. Doutor Fernando Rebelo, do Administrador dos Serviços de Acção Social da Universidade de Coimbra, Dr. Luzio Vaz e do Bispo da Diocese de Coimbra, Dom João Alves, foi constituída a Comissão Executiva da Semana de Solidariedade Académica (CESSA), que tem por finalidade a realização de uma semana de carácter cultural, didáctico e recreativo, e a recolha de fundos para os mais desfavorecidos. Em torno deste nobre objectivo reuniram-se os Grupos, as Secções, o Organismo Autónomo e a Direcção-Geral da Associação Académica de Coimbra.

Durante toda a semana realizaram-se espectáculos de Fado de Coimbra e de grupos de bar, houve sessões de cinema para as crianças de diversas instituições de solidariedade social e verificaram-se actuações de grupos da Academia e representações das secções desportivas, em di-

versas localidades do distrito de Coimbra. Em diversos pontos da cidade de Coimbra foram colocadas bancas de solidariedade, junto das quais estiveram artistas de rua (malabaristas, cartoonistas) e grupos académicos. No dia onze realizou-se uma demonstração de xadrez pelo vice-campeão nacional, e teve também lugar um concerto no pavilhão do Organismo Autónomo de Futebol (OAF), que contou com a presença dos Quinta do Bill, João Pedro Pais, TC e Amadeus, e ao qual assistiram cerca de milhar e meio de pessoas. No passado domingo foi organizado o Espectáculo de Gala, onde actuaram Né Ladeiras, os Realejo, Inês Santos, Susana Dias e o Grupo de Fados de Coimbra. Saliente-se o facto de todos os artistas que participaram nos espectáculos

o terem feito gratuitamente.

A "I Semana de Solidariedade Académica", terminou com a realização na segunda-feira do jogo de futebol que opôs a Académica ao Porto, com cinco por

cento da receita a reverter para a conta de solidariedade, destino que teve igualmente a receita da ante-estreia de uma nova peça de teatro do TEUC, verificada ontem.

Esta iniciativa ficou marcada pela negativa, com o cancelamento do "Jantar de Beneficência" marcado para o dia 12 no Convento de Sandelgas, por causa da fraca aderência que se registou. Outro facto lamentável foi, ao que "A Cabra" conseguiu apurar, o pouco apoio disponibilizado pela Câmara Municipal de Coimbra.

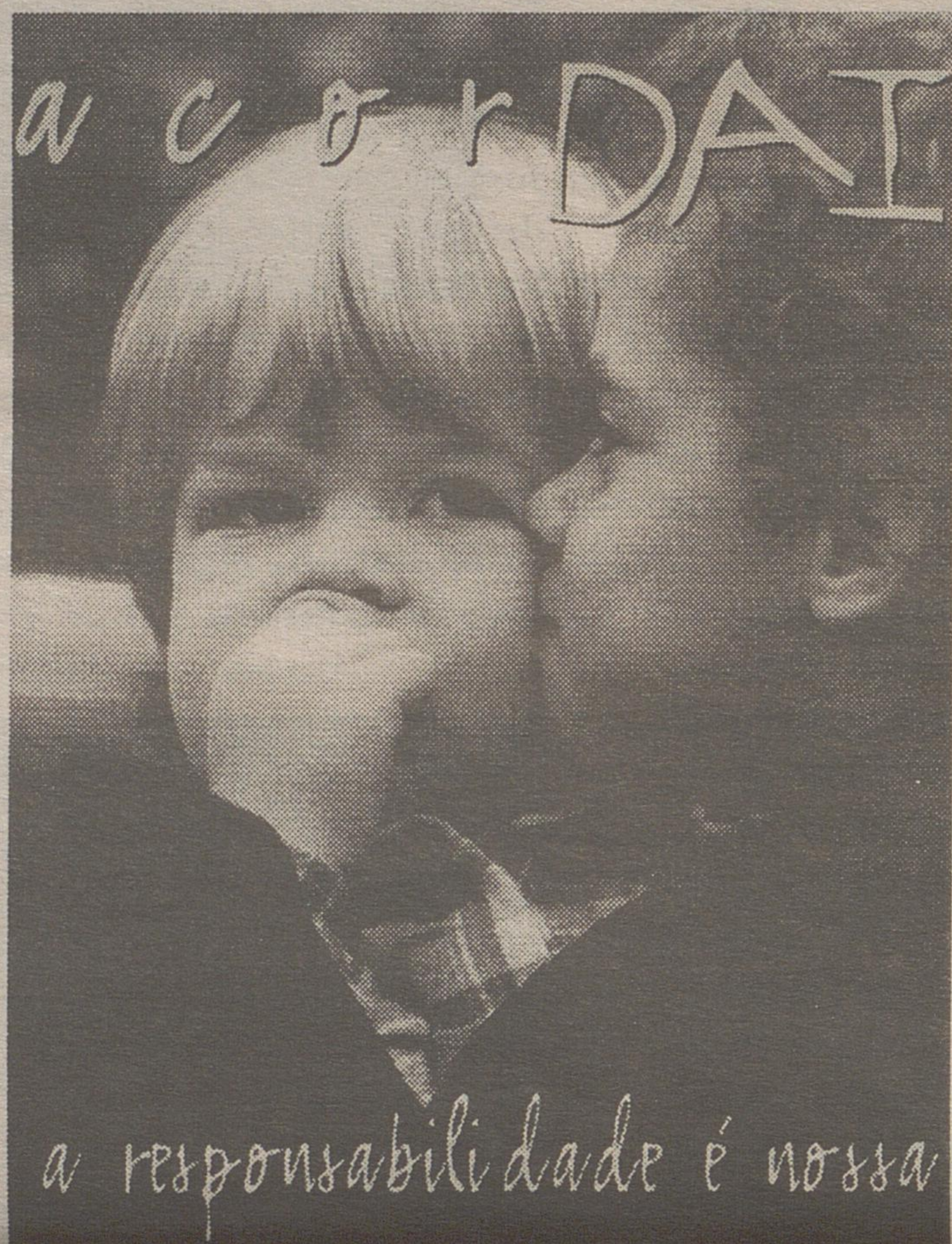
Segundo Pedro Lopes, presidente da Secção de Fado da AAC e responsável pela organização desta iniciativa, "esta semana não é novidade na Academia de Coimbra, sempre se fizeram coisas deste gé-

nero de solidariedade. A novidade está em ter sido um projecto tão bem feito e tão bem pensado, em que as pessoas realmente se uniram com um objectivo comum que é ajudar as pessoas e as instituições do distrito de Coimbra". Relativamente à adesão do público, ele estava à espera de muito mais, mas está optimista, acredita que no final vão conseguir um resultado bastante bom.

As instituições a apoiar são sete, nomeadamente, a Casa Abrigo Padre Américo, a Casa de Formação Cristã Rainha Santa-Irmãs do Bom Pastor, a Casa do Gaiato, as Criaditas dos Pobres, a Fundação Esperança Viva, as Irmãs Adoradoras e os Missionários dos Pobres.

Quem quiser ajudar estas entidades tem até ao dia 6 de Janeiro de 1999 para depositar o seu donativo na conta nº 06710010000330 da Caixa Geral de Depósitos.

Pedro Silva



A Europa e o Euro em debate

No dia 26 de Novembro de 1998 realizou-se, no Auditório do Instituto Superior de Contabilidade e Administração de Coimbra, uma conferência intitulada "euro... e a União Política". Esta iniciativa foi organizada pela Associação Democracia Mais em colaboração com a Associação de Estudantes do Instituto Superior de Contabilidade e Administração de Coimbra. Os oradores foram o Dr. Carlos Encarnação, vice-presidente da bancada parlamentar do PSD, e o Dr. Jorge Gouveia Monteiro, vereador da Câmara Municipal de Coimbra e militante do PCP, estando a moderação do debate a cargo do Dr. Fernando Correia, docente no ISCAC.

O Auditório do ISCAC não chegou para acolher as centenas de pessoas que estavam interessadas em ouvir falar sobre a moeda única e a dimensão política da União Europeia. Os presentes puderam assistir a duas intervenções de conteúdos bem distintos e divergentes. Para Carlos Encarnação, o euro é uma realidade incontornável e o esforço que Portugal teve de fazer para integrar a lista dos paí-

ses que vão aderir à moeda única em 1999 foi benéfico para a economia portuguesa. Quanto às questões de teor mais acen-tuadamente político, Carlos Encarnação sublinhou que as preocupações do nosso país devem ir neste momento para a discussão relativa ao alargamento da União Europeia. Distinguiu também as posições federalistas



con-federalistas no que respeita ao futuro da integração política na Europa. Para o social-democrata, porém, há aspectos que merecem uma séria crítica: entre as instituições europeias e o cidadão comum há uma distância grande, pois este último não

compreende as relações que existem entre elas e os tratados europeus são de difícil leitura.

Por seu lado, Gouveia Monteiro frisou que não se pode entender a evolução da União Europeia como se fosse um caminho pré-determinado de etapas que teriam de ser mais cedo ou mais tarde inevitavelmente seguidas pelos diversos países. Segundo o vereador da Câmara de Coimbra, a moeda única vai trazer consequências marcantes para todos mas de forma desigual: o euro servirá os interesses dos grandes investidores e das praças financeiras de maior dimensão, mas será prejudicial para os trabalhadores e para os sectores mais desfavorecidos da população. Segundo Gouveia Monteiro, a política económica associada à moeda única acarreta consigo cortes nas despesas sociais e não conduz a uma aproximação salarial entre os diferentes países. Para este orador, o euro é "um caminho torto para o federalismo" e irá acentuar as rivalidades entre as praças financeiras e favorecer a concentração de riqueza.

ABC

Livraria Especializada
Banda Desenhada Serigrafias



Rua da Manutenção Militar, nº 15
3000 COIMBRA Telefone/Fax: 039-821543

"AOS QUE NASCEREM DEPOIS DE NÓS" no TAGV.

Canções do pobre B.B.

Jorge Palma ao piano. Rendido. Lia Gama, no palco, de vermelho, encarnava as angústias de prostitutas e mulheres do povo. Os Artistas Unidos formavam o corpo dos operários marxistas, dos proletários, dos boémios. Eram eles o coro viril que faz da poesia um hino libertador. Eram eles o mundo literário de Brecht.

No passado dia 4 de Dezembro, Bertolt Brecht subiu ao palco do Teatro Académico de Gil Vicente, pela mão dos Artistas Unidos em co-produção com a Companhia de Teatro de Braga.

"Aos que nascerem depois de nós" foi o título escolhido para este espectáculo de 20 poemas, musicados pelo próprio Brecht, por Hans Eisler, Kurt Weill e Jorge Palma. Durante cerca de hora e meia, o público pôde participar numa viagem pelos vários temas que compunham o mundo deste dramaturgo e poeta alemão: o louvor do proletariado, o prazer da boémia absoluta e a deambulação dos seres marginais.

Para fazer este espectáculo, Jorge Silva Melo, director dos Artistas Unidos e encenador desta peça, convidou Jorge Palma e Lia Gama e explicou à Cebra o porquê deste convite: "Jorge Palma é um artista que eu admiro muito, já há muitos anos, e que tive oportunidade de conhecer (...) Sou também muito amigo da Lia e achei que era possível juntar os dois".

Jorge Palma acedeu ao convite para ser director musical deste espectáculo e considera "um bom exercício" musicar os poemas deste escritor que chegou a ser processado pelo Comité de Actividades Anti-Norte-Americanas nos anos 40. "Brecht tem uma obra muito vasta. É uma figura fundamental



deste século".

Para encarnar as figuras femininas da obra deste autor, quase sempre mulheres de vida difícil, Lia Gama transfigurou-se, vestiu-se de vermelho san-

gue e deu voz a outras vozes: "As personagens têm todas uma ligação entre si. São mulheres simples, do povo, prostitutas. Mulheres de vida difícil, para não dizer que é vida fácil". Lia



Bertolt Brecht nasceu em Augsburg a 10 de Fevereiro de 1898. A sua primeira experiência teatral aconteceu em 1922 nos Munscher Kammerspiele. No ano seguinte ganhou o Prémio Kleist pela obra "Tambores na Noite". Em 1933, ano em que Hitler sobe ao poder, abandona a Alemanha e deambula pela

Europa. Em 1941, rumo à Califórnia, onde conhece muitos artistas e intelectuais. Seis anos mais tarde, regressa a Berlim e, juntamente com a sua mulher, funda o Berliner Ensemble. Em 1955, recebe o Prémio Estaline, em Moscovo.

Autor de peças como "Um Homem é um Homem" (1927), "Mãe Coragem" (1941) ou Galileu Galilei (três versões: 1939, 1947 e 1955), Brecht estudou e adaptou Shakespeare e Calderón.

Quando começou a escrever, no drama alemão dominava a estética expressionista,

Gama encara esta experiência como um desafio para qualquer actriz e salienta o facto de ser a primeira vez que se faz um espectáculo só de canções traduzidas para português [pelo Prof. João Barrento]: "Eu própria há anos e anos que ouço Brecht e só agora consegui compreender esta canção [a canção de Nana] lindíssima".

Jorge Silva Melo encenou a peça em homenagem ao centenário do nascimento de Brecht. "Achei que era um bom ano para meditarmos sobre a obra deste homem que eu admiro muito", comenta. O encenador trabalhou pela primeira vez em Brecht há 25 anos e explica o seu interesse pelo autor: "Brecht é de uma inteligência, de uma agudeza de espírito que me fas-

que influenciou as suas primeiras obras líricas. Mais tarde, afastou-se do subjectivismo expressionista e abraçou o realismo, debruçando-se sobre situações concretas, inseridas no seu contexto histórico. Os seus dramas podiam ser modificados após cada representação, pois para Brecht a qualidade não estava na originalidade, mas na forma de tratar o material: é este o conceito de dramaturgo-artesão.

Bertolt Brecht morreu em Berlim, a 14 de Agosto de 1956.

SR/SF

cina. Quase toda a sua obra me deixa sempre perplexo, desde os tempos em que o conheço". No entanto, para Jorge Silva Melo, Brecht coloca problemas demasiado profundos para esta década de "fim das ideologias". "Brecht, neste momento, não pertence à ideologia dominante ou ao discurso político actual, que é o do consenso - ele é um homem da discórdia e, nesse sentido, ele está completamente fora de moda".

A obra de Brecht reflecte um contexto histórico muito específico: a época de surgimento de novas ideologias - o fascismo à direita e o comunismo à esquerda - que traduziam os desejos das multidões assoladas pelo clima de guerra iminente. Brecht aproximava-se da ideologia comunista e chegou mesmo a dedicar-se ao estudo do materialismo dialéctico. Assim, é uma presença constante na sua obra a preocupação pelas lutas de sobrevivência do proletariado. Na opinião de Jorge Silva Melo, "os problemas que levaram a humanidade a pensar o comunismo não acabaram, mas o comunismo morreu". Jorge Palma afirma, no entanto, que a peça fala de "solidariedade, de pão e respeito pelos outros". Afinal de contas, o comunismo "é simples, mas difícil de fazer", como dizia o próprio Brecht.

Susana Ribeiro e Sofia Branco

Sala da cidade mostrou escritores germânicos Livros da Alemanha

Esteve patente, na Sala da Cidade de Coimbra, a exposição "Livros da Alemanha" desde o dia cinco até o dia 13 deste mês, com o tema "Diversidade em Letras".

Esta iniciativa partiu da organização da Feira do Livro de Frankfurt em colaboração com o Goethe Institut. A mostra, que já esteve patente em Lisboa e no Porto, surgiu como resposta à presença portuguesa em Frankfurt no ano passado, ano em que Portugal foi o país-tema.

Apresentou-se uma mostra de livros alemães que abrange 1400 títulos e 220 editores. A exposição incluiu livros sobre Filosofia e Ciências Sociais, passando por Literatura Alemã, Direito e Artes Plásticas. Ocupou lugar de destaque uma colecção especial de livros de Bertold Brecht, o célebre dramaturgo, ficcionista e poeta alemão. Esta colecção subordinada ao tema "Não se Deixem Seduzir", surge por ocasião do primeiro centenário do nascimento de Brecht.



Bertold Brecht: um dos autores presentes na mostra

Entre outros títulos na colecção, destacam-se "A Ópera dos Três Vinténs" e "Da Sedução", uma colectânea de poemas eróticos.

Decorreu a par da exposição, um programa cultural que englobou um concerto no dia de abertura da exposição e o lançamento nacional, a 11 de Dezembro, da obra de Bernhard Schlink "O Leitor" (Der Vorleser).

Quanto ao concerto, entitulado "Frauen Brecht Maenner", envolveu os dotes vocais de Dagmar Casse acompanhada ao piano por Joerg

Gerlach. Assim, o TAGV encheu-se com as canções de Brecht numa interpretação inspirada.

Bernhard Schlink, nascido em 1944 em Bielefeld, Alemanha, já foi distinguido com diversos prémios literários internacionais devido à sua obra que figurou nas listas dos livros mais vendidos na Inglaterra e na França. "O Leitor", romance que retrata uma investigação criminológica dum amor misterioso e duma culpa atormentada, constitui a quarta obra deste ilustre autor.

Um dos principais objectivos da mostra foi o de estimular a interacção entre Portugal e a Alemanha. Prova desta interacção são os cerca de 105 títulos de autores portugueses traduzidos para o alemão, em que 40 destes títulos foram traduzidos devido à última Feira do Livro de Frankfurt em 1997. Isto demonstra bem a importância de divulgar a nossa rica Literatura.

Helder Silva Dantas

TAGV: O CAIR DO PANO EM 98

"Este não é mais um texto clássico. Não é um texto em que cada palavra é metáfora e tem um sub-texto do tamanho de uma camioneta. São curtas-metragens de todos os dias." É através desta curta introdução que o TEUC nos apresenta um dos pratos fortes da programação do TAGV para este último mês de 1998. A decorrer de 14 a 16, "Há horas do Diabo", surgido a partir de "Universos e Frigoríficos" de Jacinto Lucas Pires e "Fausto" de Fernando Pessoa, aparece ainda dentro do programa "TEUC 60 ANOS", pretendendo abranger o outro lado presente do TEUC, aquele que não se rege pelo clássico mas sim pela experimentação, enfim, pela integração de elementos antagónicos.

Tendo por objectivos a abertura de um espaço para os mais novos ou pura e simplesmente a tentativa de, através do cinema, proporcionar aos ditos "adultos" o reviver de outros tempos, realizar-se-á de 21 a 23 deste mês o ciclo "Cinema Para A Infância". Neste breve mostra cinematográfica poderão ser vistos ou revistos os filmes "Em Busca do Vale Encantado" de Don Bluth, "Beethoven" de Brian Levant e "O Príncipe Valente" de Anthony Hickox.

Sérgio Alves

Continuação do número anterior

O risco do absurdo (II)

3. A ausência de reflexão estética e o triunfo do cançonetismo.

(...) A questão do seu enraizamento psico-sociológico, isto é da sua intensidade e autenticidade, face ao actual paradigma socio-cultural do mundo académico e a sua viabilidade enquanto expressão artística verdadeiramente viva e não mero cancionero folclorizante, depende do desenvolvimento duma prática musical que, juntamente com a procura do virtuosismo, fomente uma reflexão estética e histórico-cultural. A este nível, impõe-se e urge o desenvolvimento teórico e reflexivo de uma Hermenêutica do Fado-Canção de Coimbra. Uma teoria da interpretação estética e histórica no sentido que lhe deram os filósofos da arte e ontólogos contemporâneos. A Canção de Coimbra deverá ser "programática", devendo definir-se como projecto artístico, debater a sua própria validade como produto civilizacional, ultrapassando assim a intuitividade "fadística" ou "cançonetística" empírica e irreflectida. Tal projecto "hermenêutico" consistiria essencialmente em teorizar com rigor analítico-científico a origem e evolução deste género musical, historiar períodos e estilos, fundamentar, de modo consequente, opções de execução e interpretação do repertório clássico e tradicional, questionar a validade das suas "obras" aos olhos de um criticismo exigente e, por fim, reflectir a sua valência histórica, perspectivando a sua viabilidade futura.

Importa colmatar o esclarecimento insuficiente de muitos dos actuais cultores, que denunciam a falta de um conhecimento apurado, crítico e interpelativo do património tradicional. Destituídos de qualquer posicionamento teórico-conceptual sobre os problemas da hermenêutica artística, fundamentado do ponto de vista estético ou musicológico, incorrem em todo o tipo de libertinagens interpretativas do repertório clássico, num puro imediatismo cançoneizante, em geral justificado pelo fácil e irreflectido alibi da "re-criação". Reduzem, em geral, a sua prática musical à mera fruição, numa intuição cega, sem crítica interpretante que analise a actividade estética pelo prisma da sua relevância como "obra", isto é, da sua pertinência e do seu significado histórico-cultural. (...)

É fundamental introduzir na nossa canção a crítica musical, a problematização e o juízo estético

co tal como os encontramos noutras formas de arte musical, isto se a quisermos um género esclarecido e sério., Só assim, intérpretes, criadores e ouvintes, poder-se-ão elevar, acima do diletantismo, da mera fruição intuitiva, da inconsistente "impressão" do senso comum, isto é, da ligeireza e do empirismo cançonetizante. A canção de Coimbra, apenas poderá afirmar-se como "música de arte" se der lugar à crítica hermenêutica em que o conceito de "obra" suplante a mera intuição e ime-



José Afonso, acompanhado por Levy Baptista, David Leandro Ribeiro, José Niza e Sousa Rafael

diatismo "fadísticos". Esta reflexão estética e histórico-hermenêutica deve ser desenvolvida pelos próprios cultores deste género musical, para que a sua prática artística releve de projectos meditados, com coerência, autenticidade e inteligência. Não defendemos um intelectualismo voluntarioso que torne a poesis musical artificiosa, destituída da emotividade e espontaneidade "fadística", que lhe marca o processo criativo e interpretativo, mas é necessário o equacionamento de uma "poética", uma meditação da artisticidade e duma musicologia da Canção de Coimbra. Não cumprindo tais exigências, ela correrá o risco de diluir-se no universo da música ligeira, perdendo radicalmente a sua essência estética-cultural, dissolvendo-se portanto, enquanto tal. Todas as libertinagens interpretativas e (re)criativas, do presente, comprometem a identidade futura de tão sui-generis expressão musical.

4. A projectividade

temporal: exemplos históricos da busca de sentido(s).

Remetendo para um universo patrimonial com raízes tradicionais, emergindo duma prática musical intuitiva e amadora, o Fado-Canção de Coimbra sempre assumiu, porém, o compromisso do virtuosismo e do nivelamento poético-literário. Reflexão estética, virtuosismo e rasgos de genialidade, sempre foram, por obra dos seus maiores intérpretes e criadores, as causas eficientes da sua evolução como "Arte", de inclinações populares

nho inequívoco, vivo e auto renovado da música de Arte.

O primeiro desse impulsos regeneradores foi protagonizado pela dupla Edmundo Bettencourt - Artur Paredes, nos anos 20/30 (a famigerada Geração de Oiro). Ligados ao Modernismo do Movimento Presencista, de que o primeiro foi fundador e ambos, ilustradores musicais, fundaram aquilo a que Afonso Sousa chamou a "Nova Escola", caracterizado pelo vigor e impetuosidade dum canto "sadio e original", colhido nas

"Canção quase de Embalar", "Teu Corpo" ou "Dissonância", o conjunto dos LPs Canções do Mar e da Vida, Canções de Amor e Esperança e Canções para quase Todos, são a afirmação perene de que a Canção de Coimbra encerra em si os meios próprios à sua auto-regeneração, à sua adequação aos processos do devir civilizacional. É a crise da Modernidade que clamam as "Canções para quase Todos" de Luís Goez, num canto esclarecido e esclarecedor, despido de lirismos artificiosos, nascido de e para o mundo, na riqueza expressiva do virtuosismo guitarrístico, na clarividência da poesia e na plurisignificação do canto. Na esteira de tão estimulante mas exigente paradigma, lançou-se Jorge Cravo, que no final da década de oitenta, integrando o grupo académico de Fados e Canções de Coimbra nos deixou as suas Canções d'Aqui, de fino recorte poético e interpretativo, numa voz clara, tenorina ma vigorosa, que o virtuoso António José Moreira soube estear em temas como "Formas", "Condição" ou "Propósito".

Tais exemplos exigem dos actuais cultores, um aprofundamento da sua práxis musical e poética, por forma a delinear com inteligência, autenticidade, criatividade e virtuosismo, os "sentidos do futuro" do chamado Fado de Coimbra. Imediatismo e levandade retiram a bastantes intérpretes actuais, muito do crédito que, dum ponto visto estritamente musical, lhes seria inegável. Não estamos perante um crise de valores, pelo contrário, mas perante uma "crise de sensibilidades", um déficit de inteligência e visão histórico-cultural. Ora, a dissolução dos vínculos etno-sociológicos, que desenraíza a prática musical dos seus arquétipos primordiais e fundantes, retirando-lhe o alcance simbólico; o crescente comprometimento comercial; o conhecimento deficiente da Tradição a interpelar; a ausência de uma reflexão estética e histórica por parte dos músicos; a inexistência de projectos artísticos consequentes, lançam a nossa canção num estranho caminho de fragmentação, numa "terra de ninguém", onde o absurdo é consubstanciado pela aniquilação das referências etno-antropológicas, a libertinagem, o caos...

José Manuel C. Beato
Cantor Académico de Coimbra

Dezembro 1998

Ingmar Bergman

O cineasta que veio do frio

Sec.XIV. A peste assola a Europa. Um cavaleiro e o seu escudeiro regressam ao seu país após dez anos de cruzadas pela Terra Santa. Uma personagem completamente vestida de negro persegue-os, desafiando o cavaleiro para um jogo de xadrez: é a Morte.

Esta imagem macabra dá-nos uma ideia da complexidade e cepticismo de Ingmar Bergman, artista de renome mundial desde os anos 50, quando emparcava com colegas como Fellini, Kurosawa, Antonioni. Nascido em 1918 em Uppsala (Suécia), filho de sacerdote luterano, Bergman faz a sua formação em literatura na Universidade de Estocolmo, começando a sua carreira como autor dramático nos primeiros anos de quarenta.

Com setenta anos a sua carreira resulta num profícuo trabalho de 56 filmes, no qual pontificam o aprofundamento da natureza humana, toda uma técnica de simplicidade combinada com o emprego de meios surrealistas e oníricos ("Morangos Silvestres", "Persona") e uma sensibilidade envolvente e persecutória no registo das personagens. Após um período inicial de deriva, Bergman atinge uma primeira maturidade com "Um Verão de Amor" e "Monika e o Desejo", estudos românticos e satíricos do amor adolescente e desilusivo. Em "A Noite dos Saltimbancos" (53) cria um circo itinerante como símbolos do sofrimento humano, do amor humilhado e da pura solidão da condição humana, tema tão caro à sua obra. Obra também de velado sentido de humor em comédias como "Uma Lição de Amor" (54) - "és um ginecologista que nada sabe sobre mulheres" diz uma mulher- e "Sorrisos de uma Noite de Verão" (55), onde a amargura é disfarçada e sob a aparência de uma comédia de costumes constitui uma sátira corrosiva e profunda da sociedade con-

temporânea.

"Para mim a questão religiosa está continuamente viva não no plano emocional mas no plano intelectual"- diz Bergman, a propósito de filmes como "Morangos Silvestres", "O Sétimo Selo" e "O Silêncio" que conduzem à progressiva rejeição da fé religiosa desembocando na ideia da

com a solidão provocada pela inumanidade e incompreensão do frígido silêncio de Deus face aos seus sofrimentos.

Com "Morangos Silvestres" Bergman volta-se para os dilemas psicológicos e as questões éticas nas relações humanas e sociais uma vez que a religião se mostrou um fracasso. Acima de

lêncio imposto pela incapacidade de amar e o horror à violência auto-destrutiva do mundo que a rodeia. "A Vergonha" estória de um egocêntrico que recusa lutar pelo país e morre num colapso de violência auto-destrutiva são referências incontornáveis em Bergman.

Não obstante são filmes como "Lágrimas e Suspiros" em 73, "Cenas da vida Conjugal" (74), "Face a Face" (77) e "Fanny e alexander" (82) que confirmam a obsessão de Bergman pelo sofrimento e angústia da solidão, por um universo sem esperança e pela relação homem-mulher (iniciada com "A Paixão" 69). É tremenda a densidade psicológica das personagens, das mazelas extra-conjugais e laborais, a inquietude e desesperança da sua incomunicabilidade na vida em comum.

"O ovo da serpente" (77) sobre a origem do nazismo faz também parte da obra deste autor dominado pela incompreensão no casal, por Deus e pelo Diabo com um sentido raro da narração romanesca, do lirismo poético, da melancolia, tendo com Ingmar Bergman a arte do filme alcançado a gravidade da prece e da confissão.

Ingmar Bergman é cineasta com literatura publicada em Portugal: "A Lanterna Mágica" e "Filhos de Domingo", definindo-se assim: "Quer eu seja crente ou descrente, pagão ou cristão, quero ser um dos artistas da catedral que se levanta sobre a planície, porque uma parte de mim mesmo sobreviverá na totalidade triunfante, Dragão ou Demónio, pouco importa..."

Daniel Marinho Pires



vida humana a ferros com o Mal. O cavaleiro cruzado do "Sétimo Selo" que não consegue vencer a morte após a perda da Fé e que sobrevive apenas para presenciar um perseguição religiosa. Magia e Poder num jogo de crueldade e sofrimento no qual o cavaleiro, tal como o homem moderno, é levado à crença contra toda a evidência dos sentidos. Em Bergman a fé é para os inocentes e incautos, os de pensamento simples, contrapondo ao fanatismo e intolerância a ternura humana, num filme de grande solenidade com que o autor pretende criar o seu Fausto.

Desiludido com o luteranismo, negação do amor, em "O Olho do Diabo" configura Deus como uma aranha enquanto uma freira em "O Silêncio" encara a morte

tudo, o filme sugere amor, compreensão e humanidade através da viagem de um velho académico em fim de carreira que passa por uma sucessão de encontros, sonhos e imaginações recondutores ao passado para se aperceber da sua natureza fria e sem amor. O amor e a morte, o passado e o presente, o sonho e a vida unem-se na procura feita por um velho simultaneamente amável e odioso, excelentemente interpretado pelo mestre de Bergman Sjöström. Ode às alegrias e prazeres da natureza e juventude, considerada a sua obra-prima foi laureado com o Leão de Ouro do Festival de Berlim de 1958.

O filme "Persona", um puzzle de técnica aleatória com o tratamento surreal da dupla personalidade, o si-



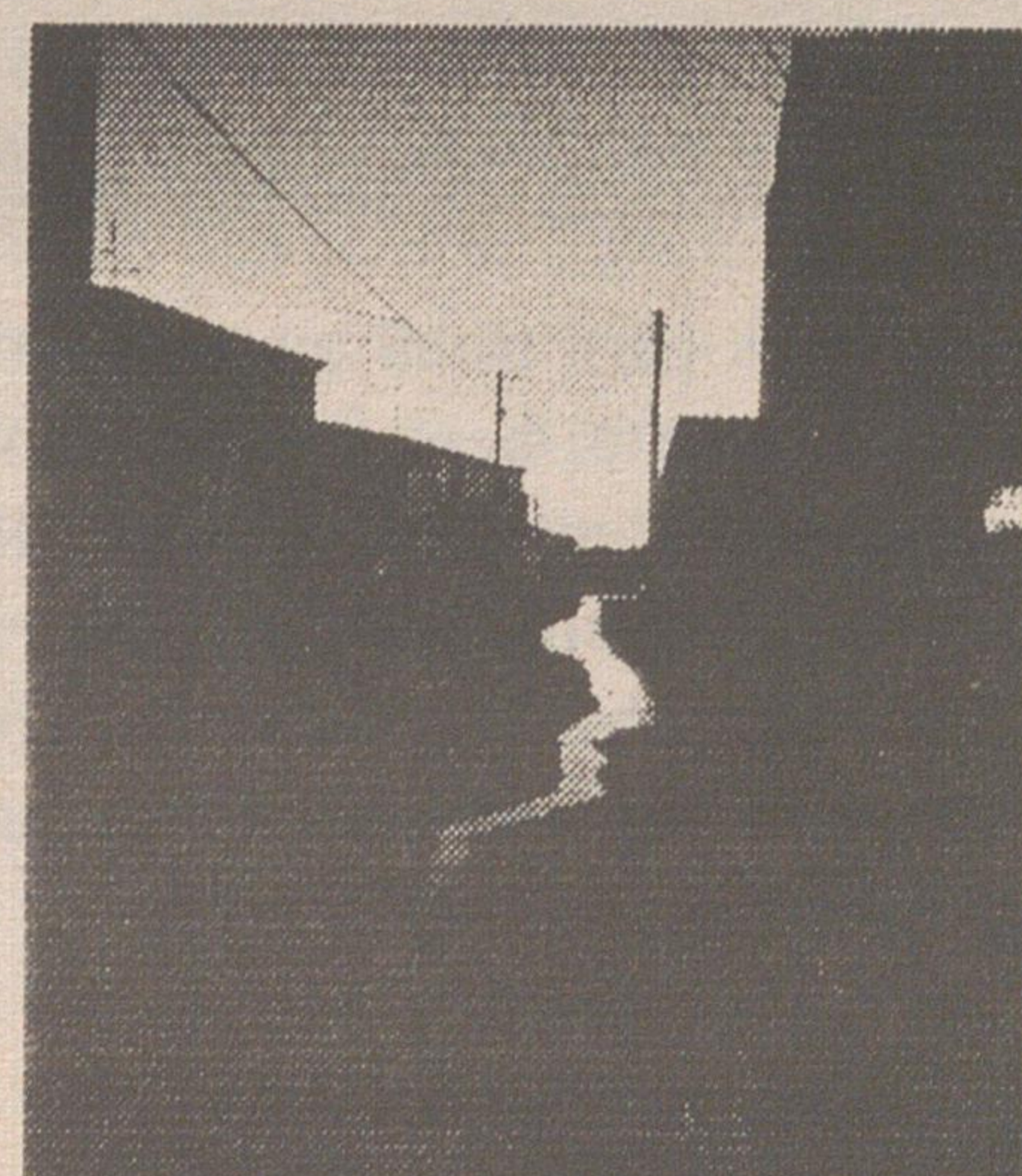
"Encontramo-nos" em 2000

Os Encontros de Fotografia regressarão no ano 2000 com uma visão ainda mais reforçada sobre a Europa. Este ano houve muitas fotografias e muitos fotógrafos a descobrir pelos mais diversos espaços de Coimbra. Paulo Nozolino foi um deles. A sua exposição denominava-se "Nada", ape-

nas cinco fotografias a preto e branco na Torre de Anto, acompanhadas de um interessante texto introdutório: "Antes não havia nada. Nada senão oliveiras e céu.

Alentejo pobre, terra de alguns. Hoje, apesar do progresso, o nada é maior. Continuo a voltar lá para sonhar e me desiludir.

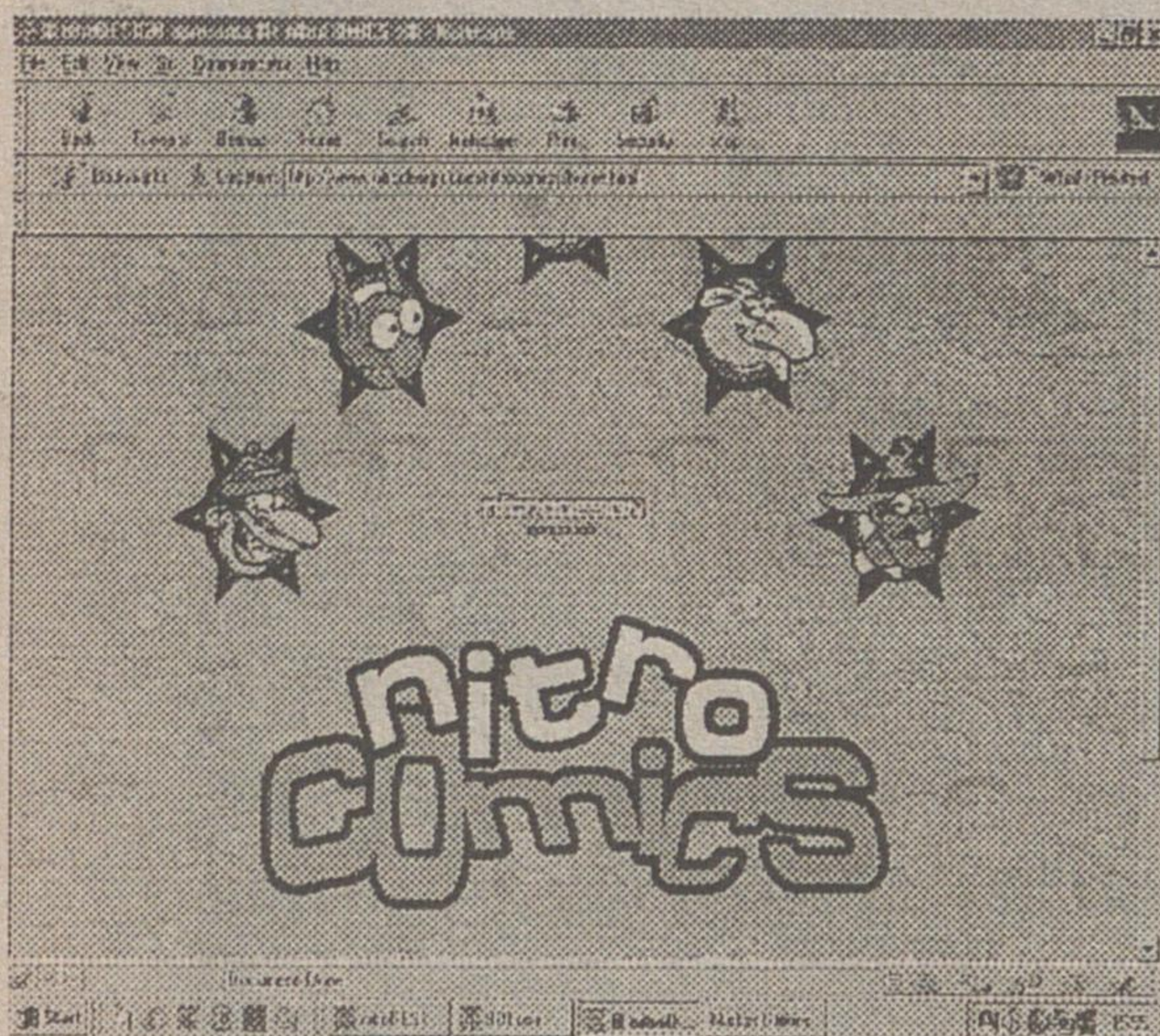
Para endurecer e fortalecer o cinismo necessário à sobrevivência. Do nada aproveito tudo!" Paulo Nozolino nasceu em Lisboa, em 1955. A fotografia com um velho de costas sentado com a planície alentejana ao fundo era absurdamente bela. E por este ano, no que diz respeito à fotografia, é tudo!



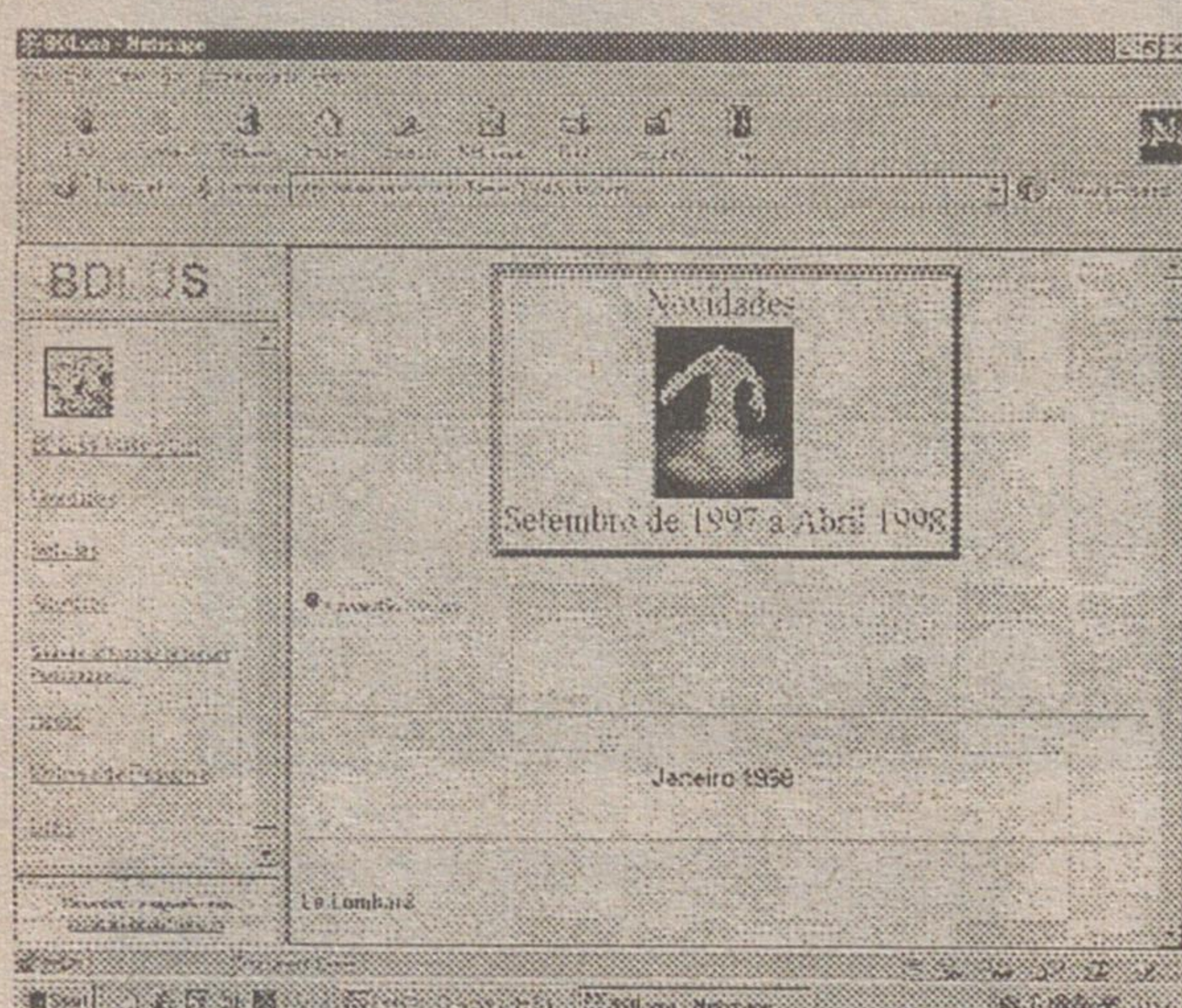
LIGUE-SE

Cybercabra

Eis que de Portugal nos chegam umas páginas fabulosas de banda desenhada, e começo já por mencionar o site da Nitrodesign (<http://www.nitrodesign.com>) que tem uma apresentação fenomenal, nessa página poderão encontrar informações sobre as diversas bandas desenhadas produzidas pela Nitrodesign incluindo as do Capitão Snot e Zorgon (O ovelha destemido). Esta página tem também excer-



tos das diversas bandas desenhadas bem como informação acerca dos autores, é de destacar o facto de se poder ver uma BD interactiva. Outra página com um design excelente é a da BdMania (<http://www.interzona.pt>), esta página contém informações e críticas às últimas novidades da BD falando-se já na nova BD do Tomb Raider, dos últimos salões de BD e Star Wars Manga. Passo agora para uma página que ainda está em construção e ainda não funciona muito bem, pois é devem estar a perguntar porque razão eu vou dar o endereço do site Linh@s (<http://www.students.iscte.pt/~a10841/linhas/>), então fiquem sabendo que nesta página está o regulamento de um concurso em que os interessados deverão escrever um argumento para uma banda desenhada, que poderá vir a ser publicada pelo SOS Racismo, deverá ser entregue até 18 de Janeiro de 1999, para mais informações deverão consultar a página web. E, por fim, vem a página da BDLusa (<http://www.terra-vista.pt/bilene/1384/index.htm>) que é destinada a partilhar as informações relativas aos personagens de Banda Desenhada e seus autores. Esta página tem também um espaço destinado à troca de informações úteis, designadamente peque-



nos anúncios para troca ou venda de revistas, livros, etc, bem como permitir o relacionamento entre os amantes da BD já que, neste mesmo espaço, poderão os subscritores publicitar as suas próprias homepages e dar a conhecer os seus heróis preferidos.

Rui Alves

OUVE-SE

U2-The Best Of...1980-1990
Island Records 1998

A primeira compilação (mais que esperada) de um dos grandes nomes da música actual vê a luz do dia ao fim de vinte anos de carreira. Com o atractivo de um segundo cd com os lados b dos singles editados pela banda.

De Sunday Bloody Sunday a Where The Streets Have No Name, os hinos que os U2 compuseram nos anos oitenta estão todos reunidos num primeiro cd cujo som se centra na sua fase americana, iniciada com The Joshua Tree. É de notar a falta de canções dos três primeiros álbuns (Boy, October e War) como por exemplo, Shaddows and Tall Trees, Gloria e Drowning Man, esta última uma das favoritas de The Edge.

A surpresa surge, porém com uma The Sweetest Thing retocada. Esta canção foi composta por Paul Hewson, vulgo Bono, como prenda de aniversário para a sua mulher, por alturas de Joshua Tree. The Sweetest Thing é, inclusivamente, o lado b de Where the Streets Have no Name. No geral, este Best Of mais não é que um Greatest Hits da banda. Pena que tal não seja claramente assumido.

A vantagem desta compilação reside no segundo cd: os lados b expõem, por força da sua qualidade, uns U2 de grande veia criativa. Tenha-se em conta Spanish Eyes, Silver and Gold e Trash, Trampoline and the Party Girl (cuja letra foi improvisada por Bono perante a urgência em arranjar um lado b para A Celebration). Estranha, igualmente, a ausência de temas quase fulcrais como o dito A Celebration (que, apesar de não ser um lado b, não consta de qualquer álbum), Treasure (What Happened to Pete the Chop), lado b de New Year's Day e Deep in the Heart, lado b de I Still Haven't Found What I'm Looking For.

Por fim, a fotografia do Boy Peter Rowen, da autoria de Ian Finlay, volta a ser capa de um álbum dos U2, dezoito anos depois da sua aparição em War.

Uma boa prenda de Natal para todos os que só agora descobrem a banda mais versátil do planeta.

Eduardo Brito

Depeche Mode- Best Of 86-98 (Mute, 1998)
Depeche Mode- Best Of 81-86 (Mute, 1998)

Os Depeche Mode são uma banda fabulosa. Ponto final. Influenciaram quase todas as correntes musicais e continuam a marcar pontos. No Best Of 86-98, encontramos uma edição dupla recheada de grandes com destaque para os singles de Violator, Songs of Faith and Devotion e Ultra. Temas imortais e bem representativos da melhor fase destes senhores que entre desavenças, droga e pausas longas demais esculpiram peças únicas do melhor pop que já se ouviu. Não falta sequer um novo single (inédito): Only When I Loose Myself. Discografia obrigatória para quem não tem os discos anteriores.

Quanto à primeira revisitação de carreira, 81-86, as novidades surgem sob o formato das remisturas. For a isso, pouco a acrescentar. Outra boa compilação.

A destacar também para os apreciadores é o tributo For the Masses, que inclui versões interpretadas por nomes tão distintos como os Smashing Pumpkins, Gus Gus, The Cure ou Ramstein.

Hugo Ferreira

FAITH NO MORE-Who Cares a Lot
Slash Records 1998

Mas realmente quem é que se preocupa pelo facto dos Faith No More terem acabado? Muita gente certamente.

Após 16 anos de militância nas fileiras do rock de fusão, os Faith No More lançam o epiáfio "Who Cares a Lot". A compilação reúne as grandes músicas da banda; "We Care a Lot", o tema mais popularizado abre as hostes para um percurso onde pontificam outros hits, tais como "Epic", "A Small Victory" ou "Digging The Grave". As vocalizações estão repartidas cronologicamente entre Chuck Mosely e o seu sucessor Mike Patton

À semelhança de outras compilações natalícias, esta inclui um segundo CD com lados B e inéditos. Porém aconselha-se atenção redobrada pois trata-se de uma edição limitada.

A chama dos Faith No More apagou-se, na nossa memória fica a genialidade com que os ditos cujos fundiam as guitarras distorcidas com ritmos rap e funky, muito antes de se ter generalizado.

Será que é mesmo o fim? Haja fé!

José Carlos Santos

Dezembro 1998

artes



feitas

VIU-SE

"Os Mutantes" - Teresa Villaverde
"Os Mutantes" marca um novo capítulo na história do cinema português iniciado em "Ossos", de Pedro Costa.

Trata-se de um filme que choca por relatar realidades que existem à margem da sociedade mas que não nos deixam indiferentes. Visita o universo esquecido das casas de reabilitação e o ambiente degradado dos subúrbios de uma grande cidade com crianças sem família a dormirem ao relento num presente de poucas esperanças. Partindo da dureza de

um documentário, Teresa Villaverde captou nas expressões das personagens dois pólos opostos - a dor e a ternura - que se conjugam num jogo de emoções.

Deste modo, as imagens que se sucedem formam planos inesquecíveis que sufocam o espectador, como é o caso de célebre parto na casa de banho da estação de serviço, onde as lágrimas se misturam com o sangue num quadro de profundo sofrimento.

A jovem protagonista Ana Moreira já arrecadou três prémios de interpretação:

em Itália (Festival de Taormina), em França (Festival de Bastia) e, mais recentemente, em Sta. Maria da Feira (2ºs Encontros de Cinema Luso-Brasileiro) de onde saiu igualmente premiada a obra na categoria de melhor filme e melhor longa-metragem.

Com esta fria e intensa abordagem cinematográfica Teresa Villaverde demonstrou o seu incontestável talento. Obrigatório ver...

João Vaz Silva

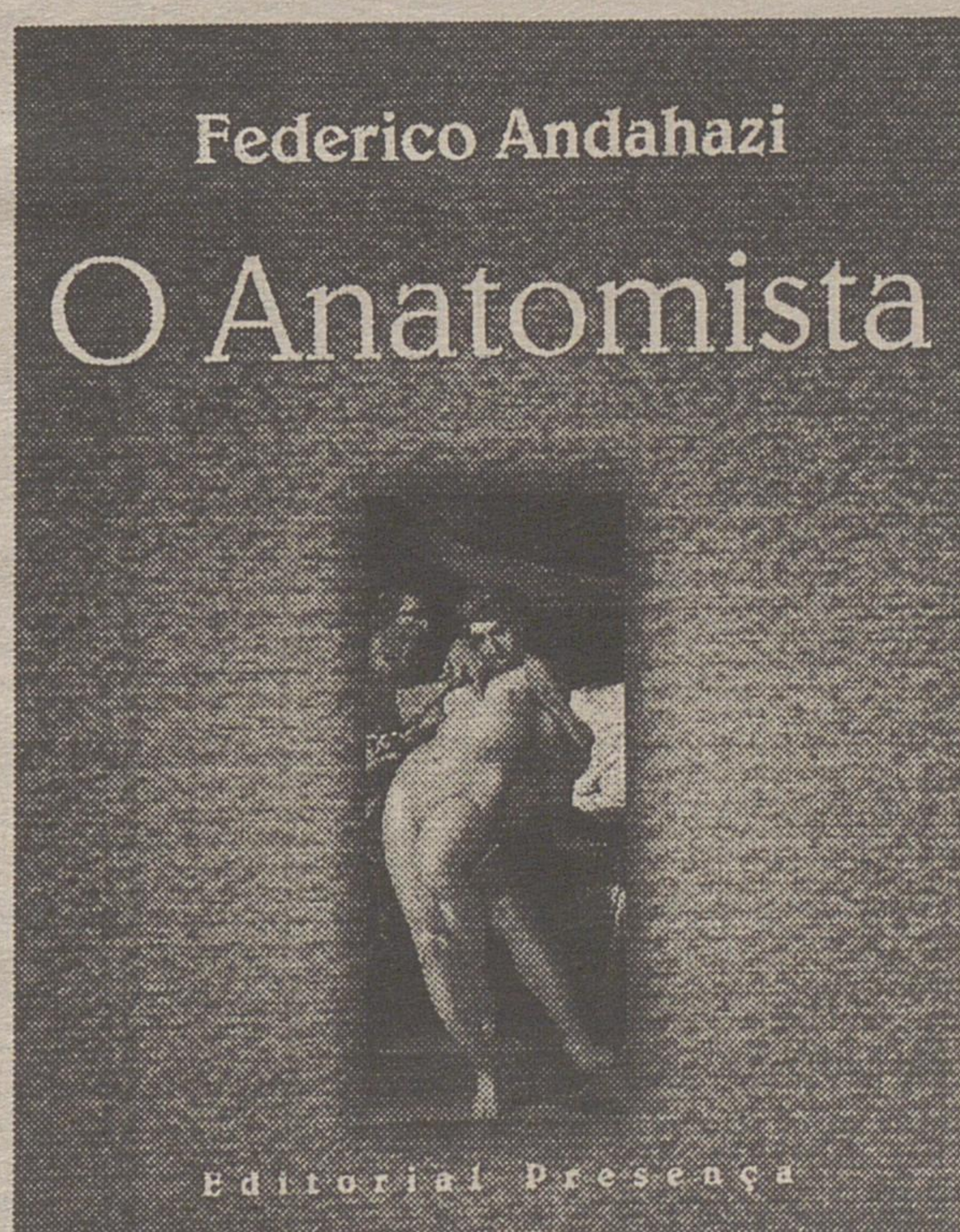


LÊ-SE

Quando se levanta polémica em torno de um livro o seu êxito comercial está assegurado. Foi o que aconteceu na Argentina onde o último livro do escritor Federico Andahazi esgotou duas edições logo no seu mês de lançamento. Se o seu sucesso é merecido ou não cabe ao leitor avaliar; aqui ficam algumas pistas para uma análise crítica. Escrevo sobre "O Anatomista".

O contexto espaço-temporal está construído muito convincentemente, sendo que o peculiar espírito que animou o Renascimento italiano de meados do séc.XVI foi captado com extrema sensibilidade. É nessa época que Mateus Reinardo Colombo, casualmente, exquanto examina Inês de Torremolinos, um órgão que até então nunca tinha sido identificado: o clítoris. A partir dessa descoberta (a sua "doce QAmérica") o anatomista desenvolveu um exaustivo trabalho de investigação com o propósito de provar que o Amor Veneris condiciona o "obscuro proceder feminino", justifica "fragilidade moral das mulheres" e é a prova de que "a fêmea é feita da costela do homem". Perante a Comissão de Doutores da Igreja (que anseia por condená-lo à fogueira) defenderá a sua tese assegurando que o clítoris é o mais próximo de alma que as mulheres

alguma vez terão: "Quanto às mulheres, se também para elas quereis reservar algo se-



melhante à alma masculina, deveis situá-la dentro do corpo tal como encarna um demónio (...) exactamente no órgão que acabei de falar-vos."

Ao contrário do que possa parecer não é a dedicação à ciência que impulsiona o trabalho de Colombo, mas sim uma frustração amorosa. O verdadeiro objectivo do seu "fervor científico" é conseguir conquis-

tar (sem que ela possa oferecer resistência) Mona Sofia, a mais requisitada prostituta de Veneza. Ironicamente será ela mesma quem derrubará todas as conclusões sobre a natureza feminina a que o anatomista tinha chegado.

Andahazi divide a história em seis partes cuja leitura se torna progressivamente mais interessante. Na terceira parte, intitulada "Os factos do progresso", a narrativa surpreende quer pela sua estruturação quer pelo conteúdo rigorosamente adequado à mentalidade (à vez ingénua e malvada) do séc.XVI.

Não há excessos, não há páginas maçadoras (embora a mudança de "cenário" aqui e ali me pareça abrupta de mais), nada é superfluo - a escrita de Federico Andahazi imprime uma velocidade crescente à leitura, despoja-se de barroquismos literários para que toda a atenção do leitor se concentre no trágico percurso das personagens principais.

O autor confessou numa entrevista que tencionava ganhar de uma tal maneira a simpatia dos leitores para a causa (perdida!) do seu anatomista que no fim "todos ficassem com pena de que as mulheres realmente tenham alma". Conseguem pensar num desafio maior?

Rita Calmeiro

VÊ-SE

WHAT DREAMS MAY COME/PARA ALÉM DO HORIZONTE

De Vincent Ward

com: Robin Williams, Annabella Sciorra e Cuba Gooding Jr.

EUA-cor/1998

Este filme gerou alguma expectativa devido ao investimento feito ao nível dos efeitos especiais e pelos autores que nele participavam. Em termos mais nacionais surgia-nos como o trabalho mais recente de Eduardo Serra, cujo trabalho no filme "Wings of a Dove" foi nomeado para o Oscar de Melhor Fotografia do ano passado (conquistado por "Titanic"). Vendo o filme chegamos facilmente à conclusão que em termos visuais "Para além do horizonte" é um excelente filme, com imagens inesquecíveis e dotadas de um realismo atroz, constituindo uma admirável e muito feliz aliança entre os efeitos especiais (excepcionais) e a qualidade da fotografia. Infelizmente para o filme e para os espectadores, todo o resto não acompanha a excelência do acima referido, desde as interpretações a roçar a mediocridade ao próprio argumento. No capítulo das interpretações, Cuba Gooding Jr. mostra que não era só em "Jerry Maguire" que conseguia ser insuportavelmente irritante (o pior é que aqui não havia motivo para risos), Robin Williams a confirmar que raramente se dá bem fora do âmbito da comédia e mesmo Annabella Sciorra não consegue dar um ar convincente do seu talento (como n'"O Funeral"). Quanto ao argumento, a luta de duas almas gémeas para no melhor e no pior (e este filme é capaz de construir o pior imaginável) ficarem juntas não deixa de ser interessante. Tendo em conta o ambiente dramático construído, com a morte dos filhos do casal num acidente de viação e 4 anos mais tarde com a morte de Williams, deixando Sciorra sozinha num desespero que a empurra para o suicídio. Williams, que se encontra no Paraíso, tendo reencontrado os seus filhos não hesita em empreender uma viagem ao Inferno para resgatar Sciorra, aventura essa que acaba bem, como é óbvio. Para quem vai ao cinema tentar ver um bom filme, deixa uma sensação de desilusão, só atenuada pelas imagens do Paraíso e do Inferno que são, repita-se, criadas com mestria. Em suma, não convém expectativas elevadas que serão muito facilmente defraudadas.

JMA

CONTRA-INDICAÇÕES

ESSÊNCIAS CULTURAIS

Uma parte significativa das conversas ocorridas em todos os países diz respeito a comentários e críticas sobre outras culturas e outras nacionalidades. Muitas vezes esses diálogos começam logo que se acaba de regressar do estrangeiro. Os viajantes saem do avião e, assim que encontram alguém conhecido, tratam logo de o pôr a par das características que definiriam a "alma" ou a "psicologia" ou a "maneira de estar" dos habitantes dos lugares visitados. No decorrer das conversas, salientam-se diferenças e vai-se estabelecendo a comparação entre "nós" e "eles".

Face a esta situação, poder-se-á pensar que os referidos diálogos são bem-vindos e que apenas se tornam indesejáveis quando se desvalorizam ou rejeitam culturas distintas. De facto, temos motivos mais do que suficientes para promover a celebração da diversidade cultural neste final de século. No entanto, elogiar as diferenças ou tentar encontrá-las em tudo o que se viu e viveu "lá fora" decorre muitas vezes do estereótipo de que as culturas são radicalmente distintas entre si. Esta ideia pode ser perigosa: levada ao extremo, pode conduzir-nos a pensar que, para não interferirmos na originalidade própria de cada cultura, cada uma delas deve permanecer "no seu canto".

Contudo, as culturas não podem ser vistas como essências, ou seja, como se fossem entidades "puras" e imutáveis que só se relacionariam entre si a posteriori. Como mostram vários trabalhos ao nível das ciências sociais, todas as culturas são em maior ou menor grau "mistas"; elas formam-se no contacto entre sociedades e grupos distintos e são cada vez mais interdependentes.

Se os habitantes de cada país apresentassem um conjunto de traços culturais imutáveis e distintivos sempre da mesma maneira face aos cidadãos estrangeiros, não conseguiríamos explicar fenómenos como aquele que Fernando Savater recordou numa crónica publicada em Novembro passado no *El País Semanal*. Nesse artigo, o filósofo espanhol lembrava o seguinte: "Nos finais do século XVII acreditava-se que os franceses eram um povo obediente e respeitoso da tradição hierárquica face aos tumultuosos ingleses, capazes recentemente de decapitar o seu rei. Cem anos mais tarde, os franceses caracterizavam-se pelo seu furor revolucionário, enquanto que o conservadorismo inglês era tónico propício a piadas".

As culturas não apresentam um conteúdo fixo nem fronteiras claramente definidas. Nem sequer devemos entendê-las como elementos que apenas se relacionariam ou "chocariam" entre si a partir do momento em que as suas características estivessem determinadas de uma vez para sempre. Em síntese, as culturas não são bolas de bilhar.

André de Brito Correia

Secção de Defesa dos Direitos Humanos pede o encerramento do Estabelecimento Prisional de Coimbra

Defesa ao Ataque

A Secção de Defesa dos Direitos Humanos da AAC (SDDH/AAC) não pôde deixar de se associar à comemoração do quinquagésimo aniversário da Declaração Universal dos Direitos Humanos, denunciando a degradante situação do Estabelecimento Prisional de Coimbra (EPC). Em conferência de imprensa, no foyer do TAGV, no passado dia nove, os activistas reclamaram sobretudo o imediato encerramento do EPC, denunciando as precárias condições dos reclusos.

A conferência de imprensa iniciou-se com quarenta e cinco minutos de atraso. Paulo Duarte, presidente da SDDH, tomou a palavra para recordar os cinquenta anos passados sobre a assinatura da Declaração Universal dos Direitos Humanos: "Queremos lembrar o espírito da Declaração, denunciando algumas violações a certos direitos humanos" referiu o presidente desta Secção, alertando também para o facto de as conclusões que apresentaria pouco depois serem baseadas numa visita ao EPC Central (efectuada momentos antes da conferência),

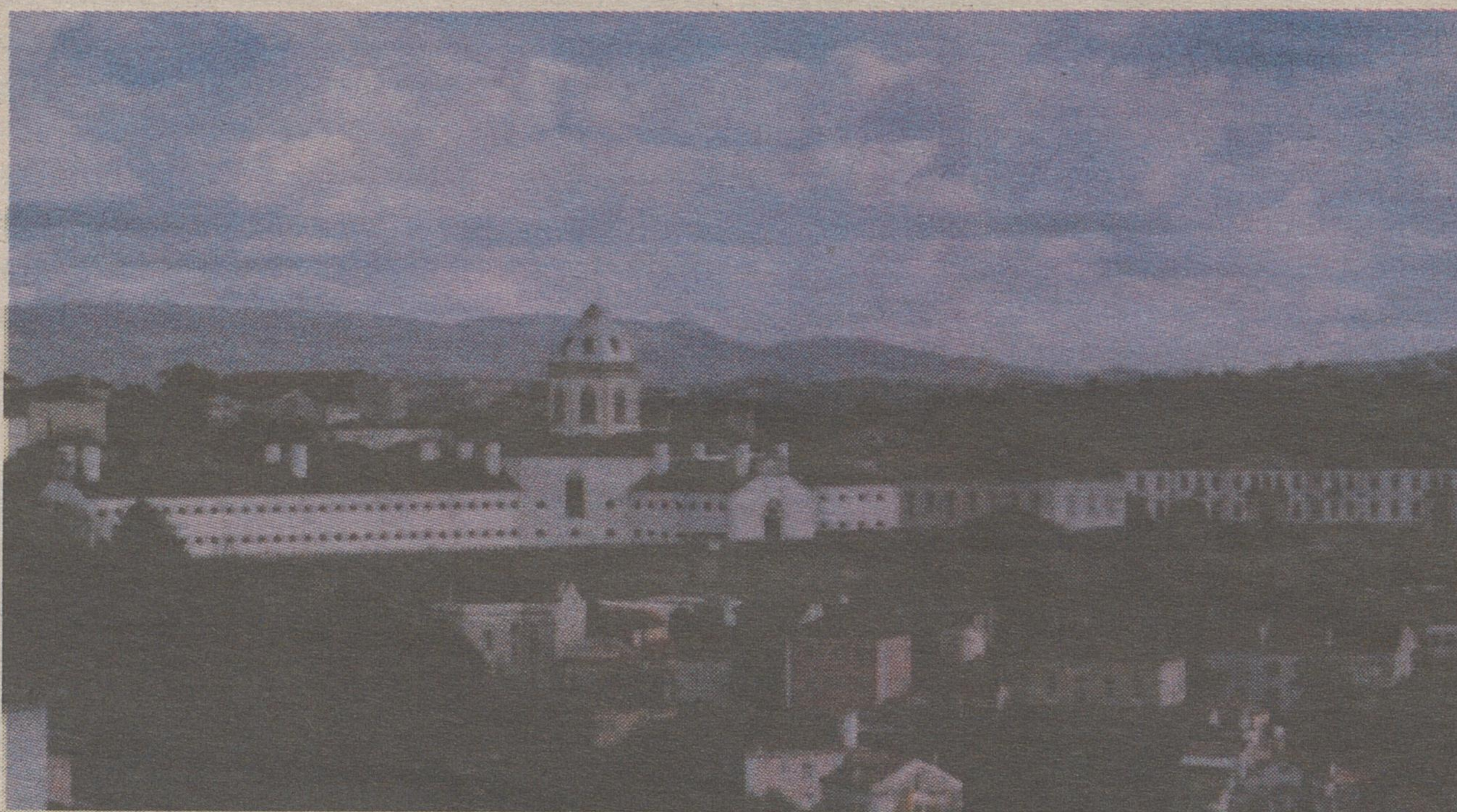
no Relatório sobre o estado dos Estabelecimentos Prisionais, da autoria do Provedor de Justiça, Meneres Pimentel, e do programa Grande Reportagem da SIC, sobre as condições penosas dos reclusos. Paulo Duarte começou por denunciar as condições degradantes dos reclusos, nomeadamente as condi-

EPC", Paulo Duarte, como presidente da SDDH, pediu publicamente o encerramento do EPC Central e Regional. Para prosseguir este pedido, a SDDH está disposta a levar a cabo várias iniciativas, nomeadamente, o envio de uma exposição ao ministro da Justiça, Vera Jardim, e promover uma petição para ser en-

indignação às acusações levadas cabo pela SDDH. Em declarações ao jornal Público, rotulou-as de "graves", de "má fé" e "premeditadas": para João Castro, a visita ao EPC tratou-se de um mero pró-forma que não influenciou as conclusões tiradas. No que respeita às situações de tortura, o director do EPC

afirmou que a SDDH terá que responder a essa acusação em sede própria. Apesar de tudo, não deixou de considerar degradante o uso do método do balde.

Paulo Duarte, em declarações à CABRA, afirmou que a reacção de João de



No meio da cidade, o Estabelecimento Prisional de Coimbra

ções sanitárias "no EPC ainda subsiste o método do balde". Condições que, para Paulo Duarte e seus pares se assumem como tortura objectiva: "é esta factura que aumenta a criminalidade, que é visível no número de reincidentes". Referindo, por mais de uma vez, que "tudo isto são questões que ofendem a dignidade humana dos reclusos, violando as leis penais, a Constituição e a própria Declaração" e que "estas condições existem realmente no

tregue à Assembleia da República.

Para finalizar a conferência de imprensa, a SDDH não deixou de realçar que estas críticas não visam a direcção do EPC mas sim o sistema prisional em si, bem como não deixou de criticar a indiferença do Governador Civil, Presidente da Câmara e instituições de carácter humanista por não discutirem o assunto.

O director do EPC, João de Castro reagiu com certa

Castro "é típica das pessoas habituadas a cumprir ordens e de quem queria controlar as nossas conclusões, o que se traduz numa violação da nossa liberdade de expressão." O presidente da SDDH afirmou ainda que "esperava que João de Castro fosse mais compreensível, uma vez que não é ele o afectado" "É uma crítica a um sistema prisional que se quer aberto", concluiu.

Bruno Vale

Primeira semana da mostra cultural da Universidade

Na sequência da próxima comemoração do Dia da Universidade (1 Março de 1999), irá realizar-se entre os dias 1 e 7 do referido mês, a Primeira Mostra Cultural da Universidade de Coimbra. Com a organização a cargo da pró-reitoria da cultura, tanto no que concerne ao apoio financeiro como também a nível da necessária divulgação e angariação de apoios e espaços, este evento procurará conjugar forças dentro da comunidade universitária com o objectivo de chamar a atenção da sociedade em geral para estas e outras potencialidades da Universidade de Coimbra até agora pouco conhecidas e exploradas. Deste modo, é necessário desde já incenti-

var e sobretudo conseguir uma participação empenhada dos vários órgãos activos em termos de arte e cultura, dada a extrema importância que cada iniciativa tem para o sucesso de um evento desta envergadura. Para além do mais, os objectivos da mostra cultural passam também pela própria divulgação e a cooperação entre estes vários órgãos e grupos, dando amplitude ao trabalho que habitualmente realizam. Concretamente, serão exploradas nesta mostra cultural actividades como a música, a dança, o teatro, exposições, sessões de informação e animação dos museus, havendo nesta primeira edição lugar para um prémio para a melhor

composição musical e de poesia. Importa ainda referir que as propostas de participação tinham que ser entregues até ao passado dia 10 tendo, ao que "A Cabra" apurou, decorrido segundo as expectativas, seguindo-se agora a fase de apreciação e preparação em concreto dos moldes em que surgirão "expostas" as várias actividades.

Assim, resta-nos esperar por Março, altura em que este projecto abrirá as portas ao público, para termos contacto com a exposição concertada daquilo do que mais variado se faz a nível da cultura dentro da nossa Universidade.

Sérgio Alves



TEATRO DE BOLSO nº0

Uma revista do TEUC para a universidade

Lançamento, dia 16 de Dezembro, 18h00, foyer do T.A.G.V.

Os primeiros 20 leitores a apresentarem um exemplar do jornal universitário "A CABRA" no dia do lançamento terão direito a um exemplar gratuito da revista.